



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

OSVALDO FIORATO JUNIOR

**UMA CIDADE, UM CLUBE DE FUTEBOL E AS DISPUTAS
PELA MEMÓRIA:
O LONDRINA ESPORTE CLUBE (1956- 2017)**

OSVALDO FIORATO JUNIOR

**UMA CIDADE, UM CLUBE DE FUTEBOL E AS DISPUTAS
PELA MEMÓRIA:
O LONDRINA ESPORTE CLUBE (1956- 2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz DeNipoti.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

F517u Fiorato Junior, Osvaldo.

Uma cidade, um clube de futebol e as disputas pela memória: o Londrina Esporte Clube (1956-2017) / Osvaldo Fiorato Junior. - Londrina, 2020.
94 f. : il.

Orientador: Cláudio Luiz DeNipoti.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Londrina Esporte Clube - Tese. 2. Memória - Tese. 3. Futebol - Tese. I. DeNipoti, Cláudio Luiz . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 94

OSVALDO FIORATO JUNIOR

UMA CIDADE, UM CLUBE DE FUTEBOL E AS DISPUTAS PELA

MEMÓRIA:

O LONDRINA ESPORTE CLUBE (1956- 2017)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz DeNipoti
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat
Universidade Estadual de Ponta Grossa –
UEPG

Londrina, 31 de março de 2020

*Dedico este trabalho à minha família, meus pais:
Oswaldo Fiorato e Maria Izabel André Fiorato; e
minha irmã: Camila André Fiorato.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, e de forma mais que especial, à minha família pelo amparo necessário em todos os momentos de dificuldades, de dúvidas, de desesperança e desconforto, seja incentivando, cobrando, ou simplesmente presente. Soma-se à esse sentimento a oportunidade dada a mim para concluir todas as etapas dos meus estudos desde a mais tenra infância, sendo inspirado pelo trabalho árduo e corajoso empreendido pelos meus progenitores: Maria Izabel e Osvaldo, bem como sou grato pelo carinho e atenção advindos de minha irmã Camila.

Minha gratidão com meu orientador, Cláudio Luiz DeNipoti, também deve-se fazer registrada nestas linhas iniciais por ter aceito o desafio, por ter me guiado neste processo complexo o qual envolve a pesquisa historiográfica, a materialização de seus resultados em forma da escrita e as questões burocráticas pertinentes.

A todos os professores do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, admiráveis como pessoas e inspirações profissionais *pari passu*, os quais tenho acompanhado desde meu ingresso no curso de graduação em História, em 2011. Em especial à professora Regina Célia Alegro, orientadora de estágio e Trabalho de Conclusão de Curso durante a graduação. Aos professores Richard Gonçalves André e Edson José Holtz Leme, orientadores das especializações que antecederam meu ingresso no mestrado e auxiliaram sobremaneira no amadurecimento e aprimoramento de muitas ideias ao longo deste processo.

Aos professores Francisco Ferraz e Erivan Karvat por se disporem e aceitarem a tarefa de ler meu trabalho e comporem a banca de avaliação.

Não menos importante, ao corpo de funcionários desta universidade, palco de algumas das minhas grandes emoções nesta última década. No Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss encontrei amigos e incentivos de todas as partes. No Núcleo de Documentação e Pesquisas Históricas os recursos essenciais para a elaboração deste trabalho foram disponibilizados com apreço e a atenção necessária e desejável.

Faço justiça ao mencionar a instituição Londrina Esporte Clube, que por meio de seus dirigentes e funcionários, abriram suas portas, suas memórias e muitas

possibilidades, demonstrando sempre bom grado em suas ações para comigo enquanto pesquisador.

FIORATO JUNIOR, Osvaldo. **Uma cidade, um clube de futebol e as disputas pela memória:** o Londrina Esporte Clube (1956-2017). 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação de mestrado resume em analisar as diversas manifestações suscitadas pela memória quanto à prática do futebol na cidade de Londrina-PR, especialmente no que tange ao principal clube de futebol profissional existente, o Londrina Esporte Clube (LEC), desde sua fundação em 1956 até a inauguração de seu próprio Memorial em 2017. Num primeiro momento são abordadas questões evocadas após a fundação do LEC, durante as décadas de 1950 e 1960. Em seguida, são discutidos o impacto e algumas simbologias em torno do ingresso e da participação do clube no principal certame esportivo do período, o Campeonato Brasileiro de Futebol. Para poder disputar com os grandes times do futebol nacional o LEC necessitou construir um estádio de contornos simbólicos grandiosos, o qual ligou-se a uma importante memória construída na cidade, remetente à cafeicultura, principal motor econômico de Londrina nas suas primeiras décadas. O Estádio do Café, portanto, surge como principal requisito exigido pela Confederação Brasileira de Desportos ao ingresso do LEC no primeiro escalão do futebol nacional. Por fim, coteja-se como uma exposição ocorrida no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss proporcionou um acalorado debate sobre a memória de susptos fundadores do futebol local.

Palavras-chave: Londrina Esporte Clube. Memória. Futebol.

FIORATO JUNIOR, Osvaldo. **One city, one football club and disputes for memory: Londrina Esporte Clube (1956-2017)**. 2020. Número 94 p. Dissertation (Master's degree in Social History). – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

The main objective of this master's thesis is to analyze the various manifestations succinct by memory regarding the practice of football in the city of Londrina-PR, especially with regard to the main existing professional football club, Londrina Esporte Clube (LEC), since its foundation in 1956, until the inauguration of its own Memorial in 2017. At first, it addresses issues raised after the founding of LEC, during the 1950s and 1960s. Then, the impact and some symbologies around the entrance and participation of the club in the main sporting event of the period, the Brazilian Football Championship. In order to be able to compete with the great teams of national football, LEC needed to build a stadium with grandiose symbolic contours, which was linked to an important memory built in the city, referring to coffee growing, the main economic engine of Londrina in its first decades. The Estádio do Café, therefore, appears as the main requirement demanded by the Brazilian Sports Confederation for LEC to enter the first echelon of national football. Finally, it is compared to an exhibition that took place at the Historical Museum of Londrina Padre Carlos Weiss provided a heated debate on the memory of the founding throwers of local football.

Key words: Londrina Esporte Clube. Memory. Football.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Mapa das curtidas dos clubes de futebol brasileiros	13
Figura 2	–	Sala do acervo do Londrina Esporte Clube	62
Figura 3	–	Croqui da exposição “Do Quebra Canela ao Tubarão”	64
Figura 4	–	Sala “O futebol em meio ao trabalho, ao rádio e à terra roxa.....	65
Figura 5	–	Sala “O futebol ganha outras modalidades”	66
Figura 6	–	Sala “O futebol atinge a maioria, surge o Londrina Esporte Clube”	68
Figura 7	–	Time Pá e Picareta.....	69
Figura 8	–	Fotografia do São Paulo Futebol Club	74
Figura 9	–	Carlos Alberto Garcia comemora gol contra o Corinthians	78
Figura 10	–	Carlos Alberto Garcia se emociona.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CODEL	Companhia de Desenvolvimento de Londrina
CND	Conselho Nacional de Desportos
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
FL	Folha de Londrina
FPF	Federação Paranaense de Futebol
GEM	Grêmio de Esportes Maringá
JAPs	Jogos Abertos do Paraná
LEC	Londrina Esporte Clube
LFC	Londrina Futebol Clube
LFR	Londrina Futebol e Regatas
LRFL	Liga Regional de Futebol de Londrina
LUDENS	Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MF	Museu do Futebol
MHL	Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss
MLB	<i>Major League Baseball</i>
NBA	<i>National Basketball Association</i>
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
PSTC	Paraná Soccer Technical Center
VGD	Vitorino Gonçalves Dias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LONDRINA ESPORTE CLUBE: REPRESENTAÇÃO DE UMA CIDADE	17
1.1 BREVE HISTÓRICO DO LONDRINA ESPORTE CLUBE.....	17
1.2 ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO.....	31
2 AGORA, O NACIONAL	44
2.1 O LONDRINA ESPORTE CLUBE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL.....	46
2.2 OS ESTÁDIOS DO CAFÉ E VITORINO GONÇALVES DIAS E SEUS SIGNIFICADOS	51
3 A MEMÓRIA ENTRA EM CAMPO	61
3.1 EXPOSIÇÃO “DO QUEBRA AO TUBARÃO”	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Tendo como base a compreensão de que a História se faz a partir de questões do presente, ou seja, questões pertinentes sobre determinado aspecto que se configura como um problema na sociedade hodierna. Segundo o *Mapa das Curtidas dos clubes brasileiros de futebol*, uma plataforma de pesquisa criada pelo site *globoesporte.com*, que mede o número de pessoas que declaram apoio a um determinado clube na rede social *Facebook*, o Londrina Esporte Clube (LEC) perde apenas para o Corinthians-SP em número de adeptos virtuais na cidade de Londrina.

A pesquisa publicada pelo site de notícias esportivas foi elaborada sob inspiração em outras semelhantes. A exemplo, cita-se levantamentos das curtidas dos clubes da *National Basketball Association* (NBA) e da *Major League Baseball* (MLB), as ligas profissionais do basquetebol e beisebol americanos, pelo *Facebook* em parceria com o *New York Times*, ou de clubes da *Premier League*¹, por meio da plataforma digital *Twitter* com o jornal *The Guardian*. Foram mapeadas as curtidas nos perfis oficiais dos 64 clubes brasileiros que disputaram as Séries A, B e C da temporada de 2017, nas 5.570 cidades brasileiras², com a exceção do Macaé-RJ, que não teve seus dados coletados (por motivos não explicitados pelo site), acrescido pela Portuguesa-SP, Campinense-PB, América-RN, Treze-PB e Sergipe-SE. Estes últimos, apesar de não pertencerem às primeiras divisões, naquele íterim, entraram no ranking por tratar-se de equipes com graus elevados de rivalidade entre seus pares nas suas respectivas regiões.

Apesar de não se tratar de uma pesquisa científica-quantitativa de torcidas em estrito termo, pensa-se ser um bom indicativo da presença de não somente de torcedores fanáticos do time londrinense, mas, também, de outros simpatizantes, uma vez que é possível e bem provável que um mesmo torcedor/internauta manifeste apoio a mais de clube concomitantemente. Nesse rol das possibilidades, o LEC divide a

¹ A *Premier League* é o campeonato correspondente à primeira divisão dos clubes de futebol profissionais da Inglaterra.

² Os dados obtidos pelo *globoesporte.com* foram analisados com embasamento em dados oriundos do Censo Geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2014, ao que se refere a contabilização dos municípios e de seus habitantes. Fonte: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/mapa-das-curtidas-2017/index.html>. Consultado em: 20/11/2019.

atenção dos apreciadores do futebol majoritariamente a clubes paulistas, como pode ser observado na imagem abaixo.

Figura 1 – Mapa das curtidas dos clubes de futebol brasileiros



As equipes mais curtidas de LONDRINA, PR

Equipe	Curtidas
1º Corinthians	61.018
2º Londrina	37.796
3º São Paulo	27.366
4º Palmeiras	26.563
5º Santos	16.941
6º Flamengo	14.477
7º Chapecoense	8.838
8º Atlético-PR	4.462
9º Grêmio	2.335
10º Internacional	2.075
11º Vasco	2.048
12º Cruzeiro	1.887
13º Atlético-MG	1.694
14º Coritiba	1.603
15º Paraná	1.070
16º Botafogo	1.057
17º Fluminense	961
18º Ponte Preta	631
19º Portuguesa	560
20º Bahia	553
21º Avaí	476
22º Sport	462
23º Figueirense	459

Fonte: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/mapa-das-curtidas-2017/index.html>

É bem sabido que as fontes históricas são matérias-primas nas mãos dos historiadores. Imprescindíveis e praticamente irredutíveis devem, na medida do possível, estar presentes ao longo de todo o trabalho já que são fundamentais para a narrativa. O propósito é utilizar mais de uma tipologia documental a fim de não ficar restrito a uma única perspectiva.

Com efeito, foram utilizados os jornais *Folha de Londrina* (FL) e *Panorama*, os quais estão localizados no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), da Universidade Estadual de Londrina. Além de fotografias, dossiês e fundos documentais encontrados tanto no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (MHL), como no Museu do Futebol (MF).

Com relação ao jornal *Folha de Londrina*, trata-se de um periódico com início no ano de 1948 e que existe até a atualidade. Até o ano de 1952 sua periodicidade foi

bi-semanária, com edições às quintas e domingos, a partir desta data o jornal passou a ser diário, com exceção das segundas-feiras, como era comum a boa parte dos grandes jornais da época. No início o jornal contava com seis páginas ao todo. Após a sua estruturação em seções, como política, economia, social, esporte etc, o jornal passou a ter um número de páginas mais elevado sendo 20 nos dias de semana e algo em torno de 30 a 40 aos domingos; aliás, é o dia que apresenta uma edição mais elaborada, com seções extras. O período analisado do jornal corresponde ao íterim de 1956-1982.

A respeito do jornal *Panorama*, outro periódico londrinense, mas, com uma periodicidade relativamente curta (1974 a 1976), a edição mais antiga encontrada no NDPH é de 7 de julho de 1974, enquanto a última edição do jornal foi em outubro de 1976. Com um formato muito semelhante ao da *Folha de Londrina*, agiu como um jornal concorrente. Seu diferencial foi o setor esportivo com contratações de jornalistas renomados nacionalmente para compor o quadro de funcionários quando inaugurado, porém, não conseguiu a longevidade desejada, a exemplo da *Folha de Londrina*. Contudo, fornece um bom resíduo para a pesquisa em questão já que sua existência corresponde ao momento de maior euforia com o futebol local e sua cobertura sobre o LEC marca a característica do jornal em se aproximar do torcedor londrinense.

O Londrina Esporte Clube inaugurou em 2017, o Memorial Edson Henrique dos Santos. O espaço foi pensado com o intuito de restauração e preservação do seu acervo, como também, foi perspectivado um projeto de visitação voltado especificamente ao público jovem. Seu acervo é composto, até o presente momento, por recortes de jornais, livros e revistas acerca do clube, em todos os seus 63 anos, carteirinhas de antigos jogadores, fontes musicais, como o hino do clube e da torcida, e entrevistas com antigos jogadores e funcionários do LEC. Ainda constam diversos documentos oficiais digitalizados, tais como súmulas de partidas, documentação da Federação Paranaense de Futebol (FPF) e outros documentos internos do clube.

A ideia da construção de espaço destinado a História do LEC tem relação com uma exposição a qual ocorreu no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, em 2016, pois o clube apoiou e patrocinou a exposição justamente com o objetivo de se inspirar no espaço museal. A ideia da mostra era apresentar uma perspectiva da história do futebol na cidade, intitulada: “Do Quebra Canela ao Tubarão: memórias do futebol londrinense”. Reuniu acervos de origens diversas – do próprio LEC – mas,

também, de outras instituições ligadas ao esporte na cidade³. A própria exposição, desse modo, torna-se fonte para constituir um quadro relativamente atual quanto ao problema das narrativas de memórias construídas sobre o fenômeno do futebol.

Não obstante, o caso é que a atenção recai sobre a cidade de Londrina e suas manifestações esportivas. Recortando um pouco mais, procurou-se estudar as diversas relações conflituosas evocadas pela memória quanto ao tema do futebol, principalmente quanto ao Londrina Esporte Clube, entre os anos de 1956 a 2017, datação correspondente a fundação do clube até a inauguração de seu memorial. Assim, a estrutura do trabalho está dividida em três capítulos.

Na primeira parte é discutido o contexto no qual o Londrina Esporte Clube foi fundado, sendo objetivo da análise, conjuntamente, o chamado “Estado da Arte” da produção acadêmica sobre o futebol. Isto é, realizando um debate com determinados autores os quais são considerados relevantes ao esse propósito.

No segundo momento é abordada a questão da participação do LEC no Campeonato Nacional. O clube alterna momentos de euforia e decepção ao longo dos anos 1970, mas, certamente, o ponto alto é no Campeonato Brasileiro de 1977, com uma enorme “crescente” no time já nos “finalmente” do certame. Fato este que gerou um grande sentimento coletivo de entusiasmo com o futebol praticado dentro de campo. Há, também, uma representação do futebol de Londrina em progresso que impulsiona e estreita os laços da relação: torcedor-clube-cidade. Disputar o mais importante campeonato de futebol do país, para o Londrina Esporte Clube, foi realidade até 1982. Com o fim de um ciclo de vitórias e protagonismo iniciou-se outro, os tempos dos quais os torcedores, em geral, mantêm pouca saudade. Isso porque durante os anos 1990 e 2000 o clube enfrentou seus piores momentos dentro e fora de campo. Poucos títulos e más administrações culminaram com a ameaça de falência.

No terceiro e derradeiro capítulo, nos interessa observar como uma discussão sobre a memória emergiu dentro do Museu Histórico de Londrina sobre o futebol, envolvendo o LEC e o cenário do amadorismo. Esse debate será feito a partir da

³ A exposição também conteve peças dos acervos da Liga Regional de Futebol de Londrina, da Fundação de Esportes de Londrina, do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, do Iati Clube Londrina, do Paraná Soccer Technical Center (PSTC), e de outras coleções particulares.

investigação sobre a exposição do “Quebra Canela ao Tubarão: Memórias do futebol londrinense”. Cabe acrescentar, que esta última parte contempla resultados de uma pesquisa anteriormente empreendida, no âmbito de outra Pós-Graduação. Trata-se da Especialização em História, Arte e Cultura, cursada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, concluída em 2018⁴. Nesse sentido, esta dissertação aproveita-se de uma linha teoria e metodológica focada na pesquisa sobre as manifestações da memória no campo do futebol, ampliando seus horizontes e acrescentando contribuições para seu desenvolvimento presente e futuro.

⁴ O título da monografia em questão é: "Do quebra canela ao Tubarão": embates pela memória do futebol no Museu Histórico de Londrina.

1. LONDRINA ESPORTE CLUBE: REPRESENTAÇÃO DE UMA CIDADE

1.1 BREVE HISTÓRICO DO LONDRINA ESPORTE CLUBE

Um dos principais aspectos concernentes à história do LEC é sobre sua intrínseca relação com algumas das representações construídas acerca da própria história da cidade, como, por exemplo, o café, que perpassa o universo simbólico tanto do município quanto clube de futebol, como verifica-se adiante. Supõe-se existir entre os torcedores que aderem ao LEC um sentimento de afeto pela própria cidade antes mesmo do que com o time de futebol. O fato de o clube levar o nome da cidade e ser o primeiro a se profissionalizar também indica tal ideia.

Aqui cabe fazer um adendo, pois, nota-se que os estatutos dos clubes, regulamentados pela Liga Regional de Futebol de Londrina (LRFL), já faziam menção a possibilidade da existência do futebol profissional. Em um modelo de estatuto feito pela LRFL para os clubes (não datado), lê-se em seu Artigo 78: “Será organizado um departamento de futebol profissional, além do departamento de futebol amador, os quais terão regulamentos especiais, de conformidade com a legislação das entidades superiores.” Nesse caso, a entidade citada trata-se da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Chama a atenção o fato desse artigo estar contido nas disposições gerais do documento. Além do mais, estabeleceu que as atividades profissionais deveriam ter regulamentos especiais, denotando ser a categoria amadora a prática mais comum e estabelecida entre os londrinenses.

Silva (2016, p. 68), argumentou que as características dos clubes nos anos 1940 e 1950, tal qual a organização estatutária e burocrática e a subordinação ao Conselho Municipal de Esportes às Comissões e Juntas Disciplinas, apontavam para indícios da atividade profissional. Advoga-se em razão do ineditismo do profissionalismo do LEC pelo fato do clube ter investido primordialmente nessa categoria desde o princípio.

Para Luiz Carlos Ribeiro (1998, apud CAPRARO, 2002, p.p. 4-5), a periodização das fundações dos clubes paranaenses revela, em última instância, a força migratória que acometeu o estado em termos culturais. Assim, o historiador esquematiza a História regional do futebol a partir do surgimento desses times,

destacando as iniciativas dos grupos de moradores de bairros, com seus diversos imigrantes e, também, das Companhias Ferroviárias.

No caso londrinense, tal perspectiva pode ser posta em evidência na periodização feita por Oliveira (2019, p. 73-74), na qual argumenta que os times surgiram obedecendo, num primeiro momento, a referência a clubes originários das terras natais de seus fundadores para, posteriormente, passarem a ligar-se às denominações dos bairros de Londrina nos quais residiam, em uma fase de expansão da prática do futebol.

Este crescimento fez surgir uma nova mudança nas características das equipes que eram criadas. As novas agremiações agora eram nomeadas com o nome dos bairros e vilas que iam surgindo na cidade, assim aparecem as equipes Vila Brasil, Higienópolis, Londrilar, Cassoni, Vila Recreio, Vila Yara, Bandeirantes, e tantas outras. Se antes as equipes homônimas representavam a saudade da terra natal, agora as equipes eram uma forma de representar o pertencimento a nova terra. As pessoas passaram a se identificar com seu local de moradia, já se sentiam de alguma forma pertencente a cidade, a seu bairro.

Historicamente a cidade tem forte influência em aspectos políticos, sociais e culturais do estado de São Paulo, o que se reflete no futebol. Essa perspectiva é compartilhada por Silva (2016, p. 22), ao discutir o desenvolvimento do esporte na cidade a partir de análise em periódicos locais, uma vez que a:

Folha de Londrina, especificamente divulgara notícias sobre futebol de outros Estados notadamente de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais como uma forma de construir um discurso cosmopolita ao jornal simultânea e intrinsecamente ao contexto em que muitos clubes e times locais escolheram nomes de times consagrados das grandes capitais, tal fato nos revela uma possibilidade de pensarmos que estes grupos eram, sobretudo, advindos dessas determinadas regiões.

Possivelmente a prática do futebol advenha dos diversos migrantes, de várias regiões, que ajudaram a colonizar o então distrito de Jatháí, Londrina. A década de 1930 marcou profundas mudanças no futebol em nível nacional e internacional, pois, foi justamente neste período que o esporte adotou, definitivamente, o regime

profissional devido à grande pressão da imprensa, os chamados arautos do profissionalismo. Há de se pontuar, concomitante a influência do meio jornalístico, já àquela época, a inviável manutenção de um sistema amador que acabou gerando o conhecido profissionalismo marrom, isto é, quando os jogadores recebiam salários para disputarem campeonatos sem que fossem, de fato, atletas profissionais no sentido estrito do termo.

Visto isso, pode já apontar para a presença maciça de times de futebol que se desenvolveram em função de empresas e entre seus trabalhadores: fábricas, bancos, comércios e associações logo fundaram suas equipes. Um dos casos mais exemplares trata-se do *Bangu Athletic Club*, fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 1904, pois, sua equipe era formada por trabalhadores da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial. O mesmo aspecto é visualizado na passagem dos séculos XIX ao XX nas regiões que abrigaram as origens do esporte no país, notadamente os grandes centros da região sudeste.

É relevante que nos decênios posteriores o futebol passou a ser praticado em profusão. Provavelmente também é pertinente que a origem do futebol tem, marcadamente, a influência da cultura dos povos que se estabeleceram por aqui, sejam europeus, onde o esporte já havia se consolidado desde o século XIX, ou mesmo os imigrantes paulistas, mineiros e tantos outros.

Nesse cenário do esporte se projetando em uma estrutura mais organizada em termos profissionais, ainda marcado pelas práticas arraigadas no sistema amador de disputas pela hegemonia do futebol, foi possível o desabrochar de uma nova realidade que movimentou os meandros esportivos municipais. A origem do Londrina Esporte Clube remete aos anos 1950, num momento de grande desenvolvimento econômico e de expansão social e demográfica, devido a cultura cafeeira que viveu seu auge justamente entre os anos 1940 a 1960. Por sinal, o café é um importante símbolo de representação da riqueza e opulência da cidade.

A historiadora Oliveira (2017), destaca as representações em torno da memória construída no pós-geada negra acerca do cultivo do café na cidade. A cultura da cafeeira passa, portanto, dos campos de produção para instituições que entronizam esse símbolo como um lugar de memória.

É importante mencionar algumas considerações sobre as denominações adotadas pelo clube ao longo de sua história, pois, elas denotam motivações políticas engendradas por aqueles que estiveram à frente da sua direção. Em sua fundação foi adotado o “Londrina Futebol Clube” (LFC), um nome usual para o contexto do futebol nacional. Entre os chamados doze grandes do futebol brasileiro⁵, três utilizam essa terminologia, Santos, São Paulo e Fluminense. No Estado do Paraná, o Coritiba, importante rival do alviceleste, também segue a mesma linha.

Poucos anos mais tarde, em 1960, ocorreu a primeira mudança passando para “Londrina Futebol e Regatas” (LFR). A explicação se dá pelo interesse do presidente à época, Carlos Franchello, em receber a doação de um terreno junto ao Estado do Paraná para ser sede do clube social, como atesta J. Mateus⁶ (1996).

Para isso era preciso que o LEC ampliasse o rol de esportes praticados incluindo, dessa maneira, as regatas; mesmo que muito mais no nome do que na prática. O jornal Folha de Londrina (1976), registra o acontecimento da seguinte forma: “Foi em 1961, Franchello reuniu-se com os demais dirigentes e expôs o problema: o clube precisava justificar a posse do terreno que o governador Moisés Lupion havia doado para ser a sede social. Só a prática de futebol não bastava. E o Londrina passou a ser de Futebol e Regatas”.

As regatas, prova náutica de velocidade disputada entre vários barcos, eram bastante populares no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do XX. Tanto é que alguns clubes cariocas adotaram as “regatas” em seus nomes, como Botafogo, Vasco e Flamengo. Uma vez que os esportes de remo eram mais populares e mais praticados nesse período que o esporte bretão.

O “Londrina Futebol e Regatas” perdurou por uma década, sendo substituído, em 1970, por Londrina Esporte Clube, por meio de uma fusão com São Paulo Futebol Clube, homônimo do famoso time da capital paulista.

Sem poder saber com total precisão o encadeamento dos acontecimentos que compõe a história do LEC, atenta-se para algumas memórias construídas por veículos

⁵ Grêmio e Internacional, no Rio Grande do Sul; Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos, em São Paulo; Fluminense, Flamengo, Vasco e Botafogo, no Rio de Janeiro; Atlético Mineiro e Cruzeiro, em Minas Gerais.

⁶ J. Mateus é o codinome utilizado pelo jornalista José Mateus de Lima, citado nas referências bibliográfica com seu nome de “batismo”.

da imprensa local, como a Folha de Londrina e o jornal Panorama. Entre as publicações dos dois jornais, por ocasião da estreia do clube no certame nacional, em agosto do ano de 1976, e em formato de caderno especial, pode-se extrair versões distintas para a fundação do Londrina. Alcançar a verdade dos “fatos”: quem foram os homens responsáveis direta ou indiretamente pela criação, em que circunstâncias isso ocorreu, quem precisamente ascendeu a ideia de um clube local foge a atenção.

O foco na análise das narrativas é justamente na construção e percepção da memória em torno do futebol. A narrativa mais comumente encontrada na bibliografia consultada sobre a história do LEC, como J. Mateus (1996) e Lima Sobrinho (2005), remete ao contexto do jogo Nacional de Rolândia *versus* Vasco da Gama, na cidade de Rolândia, em 1956, como espécie de marco fundador.

Pietro Calloni alega ser o “Pai do Londrina”, puxando para si os méritos pela criação do clube de maior êxito da cidade. Em suas palavras: “já li muita coisa sobre o início do Londrina e não gostei, porque a maior parte dos depoentes não viveu, como eu, os primeiros momentos deste clube que hoje vocês chamam de Tubarão. Eu posso falar, porque sou o pai da criança. Eu sou o pai do Londrina” (FOLHA DE LONDRINA, 1976). Italiano da cidade de *Lerici*, chegou ao Norte do Paraná em 1945, tão logo, estabeleceu vínculos com o esporte bretão. Primeiramente, Calloni identificou-se com o time paulista de origem italiana, o Palmeiras⁷. Tornou-se cônsul alviverde paranaense, honraria relevante para a época e, posteriormente, conselheiro do clube.

Em Londrina, o italiano administrava um restaurante de sua propriedade. No estabelecimento, como se pode imaginar, o futebol era, mormente, o mais disputado assunto nas rodas de conversa. O próprio afirma ter concedido a seguinte declaração ao então prefeito Hugo Cabral, após este reclamar dos excessivos e enviesados temas futebolísticos: “Ou mandamos a sua comida na prefeitura ou o senhor vai ter que mudar de restaurante, porque o assunto por aqui não vai mudar.”

Chama a atenção que a iniciativa de apresentar essa versão surgiu unicamente do próprio autor, ao saber da produção de reportagem especial da FL, Calloni, então

⁷ O clube foi fundado por colonos italianos, em 1914. Originalmente denominado “Palestra Itália”, teve que alterar sua nomenclatura devido a uma imposição do governo federal no contexto da Segunda Guerra Mundial, pois o Brasil, liderado pelo nacionalista Getúlio Vargas, havia declarado guerra contra os países do Eixo: Alemanha, Japão e Itália. Durante o Estado Novo, proibiu-se a adoção de nomes que remetesse aos países inimigos. Assim, a partir de 1942, o Palestra tornou-se “Sociedade Esportiva Palmeiras”.

residente na cidade de Maringá, deslocou-se até a redação do jornal para “elucidar sua verdade”, ou melhor, sua memória. Se a paternidade fora verdadeira, o Londrina certamente havia de ter outros irmãos no futebol. Segundo a narrativa do personagem ele deu luz igualmente a outros times. Estes, ao sabor da infelicidade, morreram prematuros. Calloni e mais alguns amigos teriam percorrido os caminhos da implantação do futebol local antes mesmo de 1956. Operário e Atlético Londrinense foram os seus filhos predecessores ao LEC.

A averiguação de alguns dados presentes na reportagem é digna de menção, como o resultado da partida supracitada como pretensa originária da fundação do LEC, ocorrida na cidade de Rolândia. Calloni registra placar favorável ao time carioca, pela contagem de 2 a 1. No entanto, aquele jogo terminou com vitória do time local (Nacional A. C.), superando o Vasco por 3 a 2. Essa ‘falha’ na memória pode ser indício de uma confusão maior em seu enredo apresentado. Depois da partida alguns senhores reunidos em seu restaurante teriam criado o primeiro estatuto da agremiação nascente. A data e os presentes em tal reunião também fogem ao seu devido esclarecimento: “Pouco interessa o dia em que decidimos fundar o Londrina. O importante é que o fundamos. [...] Havia mais gente, mas o que importa isso agora?”.

O tom áspero da declaração poderia ser explicado por uma possível confrontação do jornal, o qual aponta que, segundo algumas fontes (não citadas), teria sido Luciano Andrade o nome mais importante na consolidação do LEC, inclusive, tendo assumido o cargo de primeiro presidente do clube. Calloni novamente diverge: “todos mandavam igual”, não havendo um único presidente. Apesar disso, em sua garantia era Camilo Simões, de fato, considerado como presidente.

De outro lado da história, em matéria do jornal Panorama José Luciano de Andrade, um advogado de Londrina, tece uma narrativa comum em certos pontos a de Pietro Calloni. Como a partida de Rolândia sendo a motivadora para a criação de um time londrinense mediante a frustração pela ausência do futebol no nível profissional; a reunião no restaurante de Calloni; a participação de nomes como do próprio Luciano, Calloni, Wallid Kauss, Paulo Schimidt; contratação de jogadores do Flamengo para compor o primeiro quadro do clube.

Luciano de Andrade é outro sujeito a reivindicar sua participação ativa no processo de gênese de vários clubes de futebol. Praticamente por onde passou Andrade deixou sua marca para o esporte, ou pelo menos esse é o teor de seu depoimento. Em São Geraldo-MG fundou o Olimpia; em Cambé o Guarani; em Rolândia o Nacional; em Londrina o Operário, aquele mesmo, pertencente a prole de Calloni. Naquele período Andrade assistia em uma cidade da região oeste paranaense: “Daqui de Umuarama eu fico acompanhando a vida do Londrina, orgulhoso como um pai que vê o filho fazer sucesso. Achei muito boa essa de “Tubarão”: dá uma ideia de força e argúcia” (PANORAMA, 1976, p. 4).

Uma coisa é certa, o Londrina não carece de postulantes a progenitores. Em todo caso a criança cresceu forte e saudável tornando a necessidade de filiação paterna prescindível. Entre fatos e versões, a veracidade dessa “origem” do clube importa pouco, ou muito pouco. Como faz lembrar utilmente Marc Bloch (2001), o ídolo das origens é um perigoso e arriscado problema a enfrentar em razão de uma simples filiação de datas e acontecimentos, há uma explicação pelo âmbito histórico.

Quando ocorreu a fundação do Londrina Futebol Clube, em 1956, esta equipe logo se inseriu na dinâmica do futebol profissional no Estado do Paraná. Pode-se atestar este dado por meio do jornal Folha de Londrina que noticia, dois dias após a fundação do clube, uma peneira a ser realizada com jogadores convocados de times amadores e varzeanos para compor a equipe profissional (FOLHA DE LONDRINA, 1956). Todavia, o futebol amador ainda estava enraizado no gosto popular e com um adendo: a cidade vizinha, Rolândia, bem menor que Londrina quanto à sua população e em termos econômicos já possuía um time mais bem estabelecido, como atesta outra vez o mesmo periódico. Segundo o jornal *Panorama*, a cidade possuía vinte e cinco times amadores registrados na LRFL.

Nessa época, quando a Londrina vibrava com seus times amadores – São Paulo, Portuguesa de Desportos, Sete de Setembro, Associação, Marianos, Cervejaria, entre outros – na vizinha Rolândia uma equipe causava sensação: a do Nacional A. C., que trazia ao Paraná clubes como o Palmeiras, de São Paulo, e o Vasco, do Rio (LAMA STRA JUNIOR, 1982, p. 5).

Noutra versão sobre a criação do LEC, do jornalista e radialista J. Mateus, é apontado como o encetamento do LEC o momento quando alguns torcedores londrinenses teriam ido assistir a uma partida do Nacional de Rolândia, em março de 1956, contra o Vasco da Gama e, ao voltarem, indagaram sobre o fato de uma cidade menor que Londrina possuir um clube capaz de tal enfrentamento. Depois desse episódio surgiu, portanto, um clube à altura na cidade. É relevante que na conjuntura fundadora do Londrina Futebol Clube políticos e empresários locais promoveram esforço no projeto de um clube local que se firmasse e pudesse gerar vantagens à cidade futuramente. A composição da diretoria e a redação de seu estatuto foram realizadas no gabinete do então prefeito Antônio Fernandes Sobrinho (LIMA, 1996, p. 9). Destaca também que o maior jornal da cidade foi um bom aparato para a consolidação deste intento.

Fundando o Londrina Futebol Clube, a 5 de abril de 1956, a FOLHA passa a dar cobertura completa ao movimento de sócios, iniciado logo em seguida, e dia a dia, informava sobre as cifras atingidas na arrecadação feita através do Livro de Ouro do clube [...] em menos de dois meses, o novo clube já mobilizara a cidade. O quadro de sócios ampliava-se rapidamente, o Livro de Ouro ia rendendo cada vez mais dinheiro e já se escolhiam elementos para a organização da sede e da organização do novo clube. A FOLHA publicava diariamente os novos nomes de sócios e cedia quase todo o seu Esporte para a grande novidade: o futebol profissional (LAMASTRA JUNIOR, 1982, p. 5).

Isto leva a supor que por parte da mídia local houve uma forte manifestação de apoio ao novo clube já que as esperanças e expectativas geradas em torno desta situação foram colossais. Tanto é que o primeiro campeonato no qual ocorreu a participação do incipiente clube foi organizado precisamente pela Folha de Londrina (LIMA, 1996, p. 11).

Talvez esse apoio incontido tenha gerado um certo incômodo aos clubes amadores que até o momento gozavam de grande prestígio e predomínio nas páginas de esporte do referido periódico, como pode ver no exemplo a seguir.

Elenca-se essa hipótese via uma reportagem denunciando os “coveiros do futebol” londrinense: alguns diretores de clubes amadores entraram em conflito com o novato time profissional da cidade por razão de perderem espaço sobre os jogos

nos domingos de futebol. “Ainda agora, procuram esses elementos perniciosos ‘formar onda’ contra o Londrina F.C., despeitados porque uma plêiade de homens esforçados vem conseguindo realizar aquilo que não lhes passavam de lirismo” (ANDERY, 1956, p. 1).

As reclamações e insatisfações por parte dos futebolistas amadores e também por praticantes de outros esportes são notadas quando o jornalista Andery comenta que todas as modalidades ainda tinham presença garantida nas seções esportivas, mas, que o apoio que a imprensa dava ao Londrina F.C. se justificava pelo empenho que toda a cidade demonstrava para a consolidação do profissionalismo de um time que tomava de empréstimo o nome do município.

É interessante captar para o escopo dessa análise que um dos fundadores do Londrina F.C., Walid Kauss, também era o presidente da LRFL e esteve envolvido no cerne destas celeumas. O Estádio Municipal Vitorino Gonçalves Dias (VGD) foi alvo de disputa por ambas instituições já que o Londrina começou a utilizar o estádio para treinos e jogos, ainda não oficiais, causando conflito de datas com as partidas do futebol amador.

A solução só foi possível por intermédio do próprio Andery, jornalista da Folha de Londrina, em encontro com representantes das duas instituições citadas e da Prefeitura Municipal. Sob certo aspecto, o que revela esse impasse possivelmente se traduz na resistência dos clubes amadores em ceder seu lugar de destaque a uma nova faceta do esporte local, o profissionalismo. Entretanto, a novidade esteve amparada pelo jornal e por pessoas desejosas de um clube que pudesse manter a representação do progresso da cidade, o que, por seu turno, alavancava a economia pujante a partir da crescente produção do “ouro verde”.

Tradicionalmente, os clubes de futebol da capital paranaense são pioneiros no espectro do futebol profissional no Estado. Não é por acaso que a Federação Paranaense de Futebol, com sede em Curitiba, primordialmente centralizou a competição em torno apenas da região Sul do Estado. Embora o futebol praticado na capital convergisse atenção e prestígio, tão logo foi implantado o profissionalismo em Londrina foi requerida uma maneira de participação no certame estadual. Nesse sentido foi necessária a criação de uma divisão para suportar o crescente futebol da região Norte do Paraná.

Acaba a Federação Paranaense de Futebol de deliberar a criação da Primeira Divisão de Profissionais do Interior. Chamamos a atenção do leitor para o fato de ser a Primeira Divisão e não Segunda. Os quadros de profissionais no interior disputarão o Campeonato Paranaense de Futebol em sua série e o Campeão enfrentará o vencedor da Divisão da Capital a fim de se apurar o Campeão do Estado. A fórmula da disputa ainda está em estudos, mas partirá deste princípio. (FOLHA DE LONDRINA, 1956, p. 1).

Certamente essa fórmula de disputa deve ter propiciado uma rivalidade no campo esportivo entre o futebol do Norte *versus* o do Sul. Em alguns momentos houve certa rixa aflorada perante outras agremiações como os casos do Maringá – clássico do café – ou mesmo do União Bandeirantes, mas, que não foram capazes de firmar um sentimento perene de adversidade num contexto mais amplificado. Há, também, de se considerar que nos primeiros decênios da colonização da região norte manifestou-se um antagonismo ideológico e cultural entre as regiões supracitadas.

Especialmente com o Grêmio de Esportes Maringá (GEM), clube fundado em 1961, que conquistou o Campeonato Paranaense em três oportunidades (1963, 1964 e 1977), o Londrina protagonizou grandes momentos de sua história. O GEM foi derrotado pelo LEC no ano de 1981 na finalíssima do estadual. O período de maior acirramento entre as equipes ocorreu nos anos 1970 e 1980, tendo o enfrentamento entre ambas recebido a alcunha “clássico do café” na década precedente, momento áureo da cafeicultura no norte do Paraná, sendo Londrina e Maringá grandes polos produtores.

A partir dos anos 1990 o Maringá entrou em progressiva decadência. Rebaixado para a Segunda Divisão do Paranaense em 2004 decide por encerrar as atividades retornando em 2010, mas, sem sucesso. Já que em 2013 é rebaixado para a Terceira Divisão para definitivamente não mais figurar entre as principais equipes do estado.

Já o União Bandeirantes, também surgido nos idos dos anos 1960, postulou como grande adversário do LEC, especialmente quando disputou a final do campeonato estadual, em 1992, ficando com a segunda colocação naquela oportunidade. O LEC sagrou-se tricampeão em três disputados jogos no Estádio do Café. Também extinto fechou as portas no ano de 2006 como consequência de

agravos financeiros acumulados pela administração do clube da cidade de Bandeirantes, localizada no denominado norte Pioneiro Paranaense.

Por sua vez, Oliveira (2019), aponta outras mais rivalidades manifestadas ao largo do tempo entre o LEC e outras equipes. Fator principal para não potencializar as confrontações foi o caráter efêmero ou pequenez em termos estruturais de alguns pretensos rivais. À exemplo de oposição local destaca-se a Associação Atlética Portuguesa de Desportos, surgida em 1950 e, posteriormente, refundada em 1997, como Associação Portuguesa Londrinense; o São Paulo Futebol Clube, um dos mais antigos e importantes times amadores da cidade, fundado em 1942, que posteriormente transformou-se no Paraná Esporte Clube, em 1968. Curiosamente a atual denominação do alviceleste remete a fusão justamente com o Paraná, antigo São Paulo, em três de janeiro de 1970. Portanto, sob certo ponto de vista a rivalidade sucumbiu ante a possibilidade de fortalecimento institucional dos clubes de futebol, que outrora disputavam torcida, jogos e rendas pelos campos da cidade.

Arias Neto (2008), apresenta um conflito entre o Movimento Paranista ligado às elites tradicionais da capital, que visava à exaltação intelectual e a demarcação de fronteiras do Estado com a nova municipalidade do norte do Paraná, Londrina. Esse impasse acarretou numa visão lançada pelos Paranistas que opunha o empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) aos interesses genuínos do Paraná de tal modo que só seriam verdadeiros paranaenses os habitantes do Sul. Seriam capazes de supor que, de alguma maneira, essa divergência tenha fluído para o futebol? Bem possível, se pontuar que a grande rivalidade histórica do Londrina é justamente contra o Coritiba F.C.: teria, por conseguinte, o sentimento antagônico favorecido o crescimento ou mesmo impulsionado o profissionalismo na cidade? Faz-se necessária uma abordagem mais dilatada para sustentar tal hipótese. Não obstante, compreende que há razoáveis indícios para a conjuntura posta.

Em edição especial, o jornal Panorama apresenta essa relação de certa hostilidade velada entre as regiões. Numa troca de considerações via imprensa, acusa a parte londrinense de “pontinha de mágoa” por parte do Correio do Paraná, ao saudar o campeão de 1962, Londrina F.R., como a “expressão máxima do futebol setentrional” e “famoso Caçula Gigante”. Um ano antes o campeão havia sido o Comercial de Cornélio Procópio, que somado ao título da equipe londrinense para a

análise do jornalista curitibano atestaria a força esportiva emergente do Norte do Paraná: “a nova conquista, realmente, vem de traduzir a expressão técnica do núcleo esportivo da região do café.

[...] Hoje, o próspero do Norte começa a reclamar respeito do Sul” (PANORAMA, 1976, p. 40). Há, portanto, um misto de sentimento de aparente respeito e condolências a uma nova configuração posta das forças futebolísticas no estado, mas, que revela, por outro lado, e do ponto de vista dos novatos campeões, uma lamentação pela perda, mesmo que provisória, conforme mostrou-se a história numa perspectiva diacrônica, do protagonismo do futebol “sulista”.

Sobre o movimento Paranista cabem algumas considerações a título de elucidação da rivalidade Norte-Sul do futebol paranaense. Segundo o historiador Pereira (1997, p. 113), “[...] o centro da construção Paranista será a produção de um discurso histórico que pretenda demonstrar claramente e de maneira irrefutável, como o Paraná se encontrava em franco desenvolvimento.” O movimento utilizou-se da construção, portanto, de um imaginário de um Paraná tradicionalmente enraizado em cultura própria à região sul do estado, Curitiba e seus arrabaldes.

No seu bojo traz alguns elementos condizentes com o próprio surgimento e desenvolvimento do futebol na capital paranaense, como a reverência ao progresso tão aludido em princípios do século XX, a difusão desses ideais realizada para as grandes massas num processo de espetacularização perante a *urbe* remodelada como um grande palco do teatro moderno que é o progresso em sua forma mais plena (PEREIRA, 1997, p. 64).

A identidade paranaense sob o prisma do Paranista foi consagrada por meio de simbologias que pretensamente traduziriam a verdadeira essência desse sujeito habitante dos solos locais. A araucária, árvore típica da região, também denominada sugestivamente de Pinheiro do Paraná insere-se como símbolo do povo paranaense nesse contexto, bem como é evocada uma busca nas antigas lendas e tradições indígenas de um mito de origem que conferisse sentido a civilização vindoura.

Na esfera esportiva, em ebulição nesses frementes anos, a apropriação Paranista se deu na visão futurista que o futebol representava, em referência a efeméride do Centenário de 1922.

O esporte entra aqui com força total. Jogos esportivos são organizados e até mesmo o futebol se vinculou às comemorações da Independência, com o Campeonato do Centenário, vencido pelo Britânia que conquistou o troféu Epiácio Pessoa, ao derrotar o combinado do interior por 3x1. Exercícios físicos sincronizados e ensaiados eram realizados em apresentações públicas, ainda no sentido de demonstrar a capacidade da disciplina (PEREIRA, 1997, p. 176).

Relação intrínseca do futebol com os modismos da *Belle Époque*, costumes advindos da Europa, que por aqui ganharam adeptos entre as classes mais abastadas financeiramente. Viram no jogo com os pés uma autêntica oportunidade de confraternizar socialmente pelo lazer, no que Capraro (2002), aludiu como exemplificação do processo civilizador apropriando-se da teoria elisiana. Processo esse que ocorreu por via do desenvolvimento do *football* em Curitiba a partir do começo do último século. O esporte, assim posto, congregaria a quintessência da juventude elitista de época. Em paralelo, há de se focar na similitude com as ideias de progresso e civilização adjuntas ao Paranismo então em efervescência pelas mesmas bandas.

Postulando a identidade regional perpetuada pelos habitantes do Paraná na construção coletiva que é condicionada ao apelo pelos clubes locais, principalmente os curitibanos, observa-se a grande disparidade entre as diversas regiões do estado. Silva (2011), em pesquisa sobre um programa esportivo veiculado pela RIC TV, emissora local, que, por suposto, priorizava conteúdos referentes à própria região na qual eram produzidos, atenta para a relação conflituosa entre os interesses dos telespectadores e dos apresentadores. Nas cidades de Maringá e Londrina inicialmente tencionou-se a maior divulgação do futebol paranaense em oposição às expectativas dos torcedores dos times paulistas. A discussão levantada recai no grau de influência que a mídia pode exercer no interesse pelos clubes locais já que a realidade mostra a dependência desta com o fator econômico.

Menos foco nos clubes paulista, menos audiência, menos renda à emissora. Outrossim, o autor considera haver relações de preconceito dos torcedores de times locais contra os torcedores de times paulistas. Esse argumento pode ser averiguado em falas de jornalistas paranaenses citados por Ribeiro e Ferreira (2012), ao defenderem exaustivamente os clubes locais e suas respectivas assiduidades nas páginas, telas e ondas sonoras esportivas, em detrimento dos paulistas. É bem

possível, pelo tom empregado nas narrativas, que exista um sentimento de recalque por parte de jornalistas e torcedores dada a força dos clubes paranaenses restringir-se aos seus polos de origem. Alegam os adeptos do futebol local que falta identidade própria aos inclinados ao futebol paulista.

Nesse jogo identitário forjado pelos paranistas, a representação máxima do ser paranaense está basicamente restrita ao território geográfico do Sul, com o epicentro em Curitiba. Trata-se de uma tradição inventada a fim de suprir a falta de uma identidade própria nesse tabuleiro de xadrez étnico que é o estado. Heterogêneo, a imigração de estrangeiros, paulistas e mineiros se faz mais presente ao norte, enquanto a região oeste é marcada pela presença, sobretudo, de gaúchos. Nesse sentido, o Norte seria uma mera prolongação do estado de São Paulo, evidenciado pela cultura, sotaque e, notadamente, pela preferência por clubes de futebol paulistas.

Para dar dimensão aos primeiros intentos de grandiosidade do Londrina F.C. é oportuno recorrer às representações dos grupos envolvidos na propagação das imagens com as quais o clube se identificou inicialmente.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.p.16-17).

Outrossim, Hilário Franco Júnior acrescenta: “[...] se em todo fenômeno humano existe ‘uma representação da sociedade por ela mesma’, segundo a expressão do historiador Roger Chartier, talvez a mais totalizante das representações seja o futebol [...]” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 222). Este esporte é fator de paixões e tensões alucinantes, além de incorporar uma gama de interpretações, tantas quantas forem possíveis. Cabe pensar que existem algumas representações forjadas pelos grupos que levaram a cabo o projeto do Londrina Futebol Clube. A primeira e substancial talvez seja o apelido adquirido diretamente de um de seus primeiros presidentes, Carlos Antônio Franchello, após as primeiras conquistas do clube, o “Caçula Gigante” (LIMA, 1996).

É bem possível que o Londrina F. C. não foi fundado por trabalhadores e esteve intrinsecamente ligado a uma esfera de poder na cidade. Se no plano político a grande representação da cidade na década de 1950 foi o “Eldorado” conforme assevera ARIAS NETO (2008), e teve ampla divulgação, no futebol projetou-se o “Caçula Gigante”. O futebol não pode ser deslocado das várias dimensões da realidade, deve, porquanto, ser compreendido nas suas várias acepções como atesta Franco Júnior, o futebol é uma grande metáfora do mundo contemporâneo e, com base em um cuidadoso enfoque, é exequível tecê-lo como um fenômeno total.

Esta projeção tende a ser universalista, parte de um grupo social bem definido e pretende, ainda assim, dar dimensões magistrais ao novo clube da cidade. Em vista disso, tem que o “Caçula Gigante” dialoga com as ambições primeiras do clube e sua pretensão de ser grandioso tanto no contexto regional quanto no estadual. Mesmo assim não foi incorporado pela maior parte dos aficionados torcedores de futebol locais que, por muito tempo, e ainda hoje, têm preferência por clubes paulistas, embora, paulatinamente, o Londrina foi angariando uma parcela de torcedores crescentes em número e expressão nos grandes momentos de conquistas e vitórias, porém, tímidos noutros períodos, em especial nas crises e fracassos.

A partir desta inicial contextualização verifica-se que o Londrina ocupou lugar de destaque simbólico já em seus anos iniciais. Dentre todos os projetos de implantação de futebol profissional em Londrina, o LEC, sem dúvidas, foi o que mais logrou êxito mesmo diante de adversidades e percalços ao longo de sua história.

1.2 ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO

No interior do campo das Ciências Humanas residem incontáveis reconstruções paradigmáticas, no tocante ao futebol, em que se observa uma virada metodológica mais acentuadamente na passagem dos decênios de 70 a 80 do século XX. A conjuntura de enfoques até os anos 1970 esteve muito restrita ao conceito de alienação em função do ambiente político da ditadura militar, aproximando os pesquisadores da perspectiva do futebol enquanto um sintoma dos processos de dominação existentes entre classes sociais. Dentro deste horizonte pode situar a obra

da socióloga americana Janet Lever (1983), preocupada em compreender o fenômeno das torcidas de futebol do Rio de Janeiro deste período.

Possivelmente, a situação política no Brasil e a instrumentalização do futebol como propaganda da ditadura instaurada em 1964 tingiram o futebol com as cores da alienação e do ufanismo, contribuindo para o relativo desprezo acadêmico. Nesse sentido, é interessante lembrar o trabalho de Janet Lever, de 1969, que visitava as questões de alienação e do ópio do povo relacionados ao futebol (CAMPOS; ALFONSI, 2014, p. 9).

Interessada na realidade brasileira após um intercâmbio, Lever foi justamente ao futebol para tentar explicar a complexa realidade que se apresentou à sua vista. Foi para ela um choque observar como os brasileiros denotavam tamanha importância para um esporte pouco conhecido em seu país naquele momento. Trata-se de um trabalho pioneiro, de certo modo, ainda mais se tratando de uma produção feita de dentro da universidade, algo até então incomum, de modo geral. É um pontapé, mesmo que circunscrito ao momento, ou seja, que é uma obra datada. Hoje, olhando para trás, pode-se ver sua contribuição e fazer tal crítica.

Dito isto, é possível assegurar que é, sobretudo, a partir dos anos 1980 que uma virada de perspectiva passa a ocorrer. O livro *Universo do Futebol*, publicado em 1982, é um significativo exemplo da mudança metodológica acerca do tema. O autor lançou um olhar antropológico sobre o futebol, relacionando-o com a própria sociedade brasileira, como uma dramatização da cultura (DAMATTA *et al.*, 1982). Por sinal, esta publicação se elevou à condição de uma das grandes obras sobre o futebol na atualidade. Como aludido, parecia haver uma ideia dentro da academia a qual caracterizava esse esporte como um assunto menor, de importância inferior se posto em comparação com os grandes temas da História.

Longe de concordar com tal assertiva, DaMatta adentrou na investigação sobre a cultura brasileira, não somente observando a importância do futebol, como realizando trabalhos de igual importância sobre o carnaval, o samba e outros elementos marginalizados outrora. Com a chancela de um grande nome da Antropologia brasileira, muitos outros autores passaram a identificar no futebol um problema instigante a ser, na medida do possível, respondido.

Não menos clássico, porém, um pouco mais antigo, lançado originalmente em 1947, é o livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, assinado pelo jornalista Mario Filho (2010). Talvez possa ser configurado como clássico porque foi considerado portador de uma pesquisa inovadora para o período, também dialogou com a caracterização de uma essência da identidade nacional, buscando elementos capazes de suportar o futebol enquanto tal simbologia. Se Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire foram importantes neste mesmo sentido, para explicar as especificidades da cultura brasileira, de igual modo tal acepção marcou Mario Filho, que, aliás, é o próprio Freire o autor do prefácio da primeira edição do livro. Questões como racismo e democracia racial estão presentes na obra, a qual destaca positivamente a emancipação da população negra por meio da sua participação no futebol.

A partir da abertura das Ciências Sociais ao aprofundamento analítico do mundo esportivo uma gama variada de pesquisas surgiu sobre os significados do futebol e os modos de torcer por um determinado clube, porquanto que as próprias torcidas passam a ocupar a atenção dos estudiosos.

A História Cultural também exerceu papel de destaque nesse sentido. Peter Burke (2008) traça uma breve trajetória do que considera ser os precedentes da atual concepção desta História Cultural. Para este autor, pode-se dividi-la em quatro grandes fases. No primeiro momento emergiu a fase clássica; num segundo momento passou-se ao enfoque nos estudos sociais da arte; já no terceiro, assistiu-se ao desenvolvimento de uma História da Cultura Popular; e, por último, alcançou-se a Nova História Cultural como é concebida atualmente (BURKE, 2008, p.p. 15-16).

Se esta última representa uma ponderada novidade em termo de inovações metodológicas/teóricas para a historiografia, a noção prescinde de séculos atrás, mesmo que ainda possuía um sentido tanto quanto restrito quando posto em comparação ao atual. Isto é, aplicava-se o conceito de cultura, a grosso modo, às produções artísticas realizadas pelo homem no tempo, destacadamente a literatura, as artes visuais, a arquitetura e etc.

Do outro lado é usual considerar que a História bebeu na vizinha Antropologia para definir a cultura, toda uma gama de símbolos que intentam configurar práticas. Ao abrir o leque para uma gama variada e nova de temas, a historiadora Pesavento (2014, p. p.96-97), salienta que é preciso “uma ideia na cabeça, uma pergunta

suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a História”.

É conveniente propor que a grande transformação das veias teóricas e das opções metodológicas consiste na preponderância dos aspectos culturais que envolvem a atmosfera das torcidas de futebol, em superação da ótica alienante a qual prescrevia os torcedores como simples receptores de um sistema de dominação. Esta concepção torna evidente que os campos que mais se abriram à pesquisa deste segmento foram, em grande medida, a Antropologia e a Sociologia, acentuadamente num primeiro momento, como também a História Cultural, a *posteriori*. Vale ressaltar que o futebol, de modo abrangente, é definitivamente um fenômeno complexo, multicultural e multifacetado. É notável a grande interdisciplinaridade que marcou seus estudos nas últimas décadas.

Há, sem dúvida, um movimento que ocorre muito marcadamente a partir dos anos 1990, quando esta temática se insere de modo perene no universo acadêmico. Segundo o censo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), realizado no ano de 2010, há hoje no Brasil cadastrados 9 grupos e 41 linhas de pesquisa referentes ao estudo do fenômeno do futebol. Ao passo que há dez anos tinham apenas um grupo e uma linha de pesquisa relacionados ao esporte em questão (PROENÇA; VIEIRA, 2013).

No campo antropológico, Arlei Damo tratou de repensar os significados da expressão torcedora. Segundo este autor seria grotesco encontrar ressonância na concepção de torcedores alienados ou até mesmo passivos. Pensando ainda sobre a proposta do pesquisador compreende o fenômeno futebolístico como um sistema de representações entre os agentes do espetáculo, ou seja, ocorre que os jogadores exercem a função de representar a vontade de seus torcedores.

De modo que, direta ou indiretamente, os torcedores tornar-se-ão uma categoria de agentes que, em vez de jogar, irão pagar para que outros joguem em seus lugares (DAMO, 2014, p. 36). Outra obra deste mesmo autor trata de uma investigação sobre o sentimento de pertencimento dos torcedores gaúchos em relação ao Grêmio Porto-alegrense (DAMO, 1998).

Não obstante, observa-se uma expressiva tendência à interdisciplinaridade nos estudos desta temática. A Educação Física e os Estudos do Lazer não ficaram para

trás neste sentido, sendo relevantes áreas do conhecimento a abordar as torcidas brasileiras.

Trabalhos acadêmicos tenderam ao problema da formação das torcidas em torno de seus clubes. Silva (2001), conduz sua pesquisa para compreender como os seguidores vascaínos apoderam-se desta manifestação no Rio de Janeiro. Apesar de ser uma pesquisa concentrada na área da Educação Física está bem próxima a uma abordagem antropológica do fenômeno. Incorre em identificar os motivos os quais levam ao comportamento em relação ao clube e os significados construídos sobre si enquanto grupo social.

Nessa mesma esteira, mas, um pouco mais amplo, está o trabalho do antropólogo Luiz Henrique de Toledo (1996), "Torcidas Organizadas de Futebol". Essa dissertação de mestrado, publicada em livro, se tornou um clássico sobre esses grupos urbanos que surgiram nas décadas de 1960 e 1970, mas, que explodiram com repercussão e debates na mídia justamente no período de sua publicação.

Concentrado na cidade de São Paulo, o autor se insere na rotina dos torcedores; acompanhando-os em viagens, comemorações, organizações dos carnavais, jogos locais e todo tipo de atividades dentro de duas torcidas organizadas em especial, Torcida Dragões da Real (destinada ao São Paulo Futebol Clube) e Torcida Camisa Doze (destinada ao Sport Club Corinthians Paulista).

Para não recair na ideia estigmatizada de pessoas absolutamente violentas, como sugeriam suas práticas evidenciadas com certo sensacionalismo pela imprensa, Toledo esmiúça os símbolos, as palavras, os cantos, os ritos e os aspectos sociais dessas pessoas. Como resultado, propõe existir um verdadeiro "estilo de vida" quanto aos sujeitos das torcidas organizadas, mesmo sem negar algumas práticas e simbologias remetentes à masculinidade exacerbada e à agressão física contra os rivais, eles estão muito além dessa caracterização, já que toda a vida desses jovens e adultos se relaciona intimamente com clube e, mais ainda, com a própria torcida.

Enquanto que Souza Neto (2010), direciona-se ao fenômeno do torcer em *Bello Horizonte* nas primeiras décadas do século passado. Embasado em concepções historiográficas como os conceitos de representação e paradigma indiciário, respectivamente propostos por Roger Chartier e Carlo Ginzburg, intentou perceber as mudanças nos modos de torcer passando de um aspecto inicialmente correlato ao

divertimento, estando em sintonia com os Estudos do Lazer, para após aludir à ideia de pertencimento, da qual paulatinamente os torcedores se aproximavam na sua constituição.

Semelhantemente, outros autores traçam uma perspectiva parecida do torcer no Rio de Janeiro. Holanda et al. (2012), tem contribuído sobremaneira atualmente para os estudos de torcidas de futebol. Em “A Torcida Brasileira”, percorre numa trajetória histórica sobre o torcer, desde as primeiras concepções ligadas à esfera das elites cariocas nas arquibancadas e na grande novidade representada pelo *football*. Passa pela apropriação feita pelas camadas mais populares quando cai em gosto comum o esporte bretão. Passo a passo se constituem os grupos destinados exclusivamente a acompanhar os times nos estádios, como as charangas, com suas músicas e festas populares, as torcidas uniformizadas e, posteriormente, as torcidas organizadas.

Atualmente, entretanto, um novo fenômeno emergiu. Visualmente com a última Copa do Mundo disputada no Brasil, mas, com raízes bem anteriores os torcedores deixaram de serem simples consumidores do jogo em si, pois, agora busca-se seu consumo de uma vasta rede capitalista envolta no espetáculo do futebol e dos grandes eventos esportivos. Os grandes estádios tornaram-se as modernas arenas, as grandes festas com bandeiras, cartazes e instrumentos musicais estão deixando aos poucos de habitar os palcos das emoções. Mesmo os corpos e os gestos são mais controlados hodiernamente. Assim, a sociabilidade torcedora se transmuta indefinidamente.

Esse processo de mercantilização do futebol tem sua origem, segundo o economista Marcelo Proni (2000), acentuadamente a partir dos anos 1970. Uma das características que fez possível a internacionalização e profissionalização do futebol no começo da última centúria foi a prerrogativa da manutenção do caráter amador dos dirigentes de clubes e associações. Restringindo, desse modo, uma expansão capitalista que visasse apenas o lucro, pois, é certo que o futebol enquanto prática organizada se tornou alternativa para a aristocracia no tocante ao exercício de uma violência permitida.

Somente com a expansão do futebol por meio das mídias para uma sociedade do espetáculo, com a introdução do esporte no Estados Unidos e a grande

midiatização da Copa do Mundo de 1970, adquiriu a acepção de “Futebol-Empresa”. Nesse modelo de gestão os diretores e dirigentes passam a pensar todo o sistema com um olhar empresarial, ambientando o antigo *sport* dos nobres cavalheiros ingleses como um dos grandes negócios do século XX – adquirindo muito mais força no século XXI.

Elias e Dunning (1992), também sugerem que de algum modo o futebol institucionalizado no século XIX substituiu a antiga manifestação dos livres instintos, cada vez menos possíveis com o avanço da instauração da ordem social. Como alternativa permitia aos seus participantes algum nível de prática regulada de força e embate físico. Em sentido semelhante às análises dos sociólogos mencionados acima, Franco Júnior salienta:

[...] um dado em geral pouco considerado porque, politicamente incorreto, embora essencial – ao lado dos fatores sociais, econômicos e psicológicos do fenômeno, a violência das torcidas decorre da própria essência do futebol. O simples fato de ele ser jogado por meio de pontapés na bola já traz em si certa agressividade [...] Futebol é jogo de caráter mais primitivo. É guerra simbólica que estimula guerra concreta dos torcedores (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 198).

Sendo guerra simbólica existe aí um intrínseco movimento que paulatinamente substitui a prática da violência num esporte o qual assume a característica de envolver grandes massas no mundo ocidental. Com isso, não se nega o fato de haver uma explosão de uma “guerra” real, protagonizada pelas torcidas em momentos conturbados da história do futebol, há pelo menos umas quatro décadas. O futebol, como também outros esportes, representa uma alternativa contemporânea para o fenômeno caracterizado por Elias como o processo civilizatório.

Abrindo um pequeno parêntesis, por outro lado, o futebol esteve atrelado a processos políticos em variados contextos. Não foram poucos os governos que se utilizaram de tal recurso para lograr seus interesses e projetos. A título de exemplificação pode citar o caso da Itália, país sede da segunda Copa do Mundo. Seu líder carismático, Mussolini, soube muito bem se utilizar desse evento para fazer propaganda do regime através da vitória de sua seleção naquele certame.

Muitas de suas ideias encontraram ressonância no espectro do jogo, devido as inúmeras associações possíveis entre estes dois elementos, futebol e fascismo. Percebendo a dimensão do alcance do futebol numa estrutura de poder de culto à força e ao combate, o Estado aplicou uma série de metáforas belicistas, claramente em associação aos valores fascistas (AGOSTINO, 2002, p. 57).

Fica visível a clara motivação da Copa do Mundo de 1934, uma declarada propaganda política, através da guerra simbólica que é o futebol, para demonstrar o poderio bélico e totalitário do Estado. Mussolini frequentou os estádios durante o mundial, exerceu pressão sobre a organização do evento, assim como nos árbitros das partidas. É conhecido por exemplo, o famoso recado que o Duce deu aos jogadores italianos antes de entrarem em campo na grande final, *vincere o morire*. Em formato de carta, continha caráter ameaçador, e é fulcral para compreender a total interferência e a necessidade da vitória para estabelecer o orgulho nacional e a força italiana.

Pode-se sugerir que o triunfo italiano naquele mundial, conquistado à custa de muita violência nos gramados, representou bem mais que uma simples conquista futebolística. “A vitória foi saudada como reflexo de uma nação forte e preparada para enfrentar os inimigos, em um momento em que os planos governamentais se inclinavam cada vez mais para a invasão da Etiópia, que seria concretizada nos próximos meses” (AGOSTINO, 2002, p. 62).

Na historiografia são pontuadas algumas obras que podem condensar os vieses da expressão torcedora, de tal modo a acrescentar atribuições conceituais. Hollanda (2009), tem colaborado de maneira ímpar aos estudos do futebol e suas torcidas.

A imagem depreciativa usual que se costuma atribuir à figura do torcedor de futebol – a do indivíduo vulgar, atitudes não raras vezes irracionais, possuidor de faculdades intelectuais medianas subordinadas a estados emotivos instáveis, sobretudo a pessoa que se vale do esporte como uma forma de evasão da realidade, como um lenitivo para as frustrações do cotidiano -, tal como tipificada por uma série de autores filiados às mais variadas correntes teóricas e tal como arraigada ao senso comum do século XX, provém de uma noção pouco precisa que, por sua vez, toma de empréstimo os debates em torno da função do espectador no teatro (HOLLANDA, 2009, p. 71).

Hollanda estudou a formação das Torcidas Jovens no Rio de Janeiro nas décadas de 1960 a 1980, observando sua íntima relação com o poder político e os modos de manifestar-se através de suas práticas. Como fontes fez uso, especialmente, de uma gama de periódicos, sejam especializados em esportes ou não, assim como tratou de buscar na memória e na oralidade dos personagens ainda vivos uma alternativa para compor seu trabalho. Aliás, esse mesmo autor em outra etapa de sua carreira acadêmica deu um salto para a possibilidade de se utilizar da literatura enquanto fonte para a História do Futebol. Em sua dissertação de mestrado utilizou das crônicas de José Lins do Rego para ambientar o esporte em sintonia com ideias de nacionalidade do literato brasileiro (HOLLANDA, 2003).

Já por sua vez, Franco Júnior (2007), sintetiza em “A Dança dos Deuses” uma noção fecunda sobre as circunstâncias do surgimento do futebol enquanto um esporte com características da nobreza europeia e como pode ser pensado enquanto um fenômeno total. Esse livro é resultado de alguns anos de debates e discussões num curso dentro da Pós-Graduação em História da USP, no qual foi professor e, juntamente a vários outros pesquisadores, projetou a reunião de seus resultados numa publicação. Pode-se arguir que Franco Júnior abre um grande leque para a abordagem do futebol indicando caminhos e levantando hipóteses sem, contudo, se aprofundar em nenhum tópico.

Considera que o autor tem muito mérito nessa opção, pois, coloca em seus meandros possibilidades de se compreender uma infinidade de aspectos do mundo contemporâneo, portando-se como uma metáfora social diluída nas dimensões religiosa, psicológica, antropológica, linguística e etc. Isto é, explorar a partir do futebol as vicissitudes da sociedade. Assim, tornou-se uma referência notável para quase todo caminho seguido na pesquisa do futebol.

É notório em algumas revistas acadêmicas o debate em torno do espectro esportivo como residual para a consolidação e atualização do conhecimento, pois, como bem assegura Barros (2015, p. 59):

Em uma rede de artigos produzidos sobre determinada temática podemos captar precisamente o debate que se estabelece entre os vários autores, pois frequentemente os artigos inseridos nos periódicos especializados possuem um alto teor de crítica em relação às obras já consolidadas e também em relação a outros artigos que vão sendo produzidos. Manter-se a par dos debates que se inserem nos periódicos é manter-se inserido em um intercâmbio dinâmico de ideias.

Nesta perspectiva, a *Revista USP* (1994 e 2013), a *Revista de História* (2010), e a *Revista de História Regional* (2012) foram inovadoras em publicar quatro dossiês⁶ congregando referenciais teóricos e temáticos acerca do futebol, reunindo uma diversidade de autores com pesquisas diversas, todas pertinentes, como DaMatta, Toledo, Sevcenko, Fausto, Campos, Moraes, Florenzano, Murad, dentre outros. Esta modalidade de publicação marca a devida importância destes estudos para o debate acadêmico. Outro periódico contendo um especial sobre futebol, mas, no campo dos Estudos da Linguagem é a *Revista Em Tese* (2014), Dossiê “Literatura e Futebol”. Ainda pode-se acrescentar como demonstração desse movimento uma revista especialmente dedicada a viabilização de escritos acerca de pesquisas do esporte, a *Revista Recorde*, um periódico vinculado ao Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De acordo com toda essa discussão, embasada no enfoque de torcidas e sua relação mais ampla com o futebol e a sociedade, por extensão, pretende apontar uma possível lacuna de estudos sobre este fenômeno na região de Londrina. Em certa medida, o norte do Paraná já tem sido alvo de constantes autores debruçados sobre aspectos como colonização (ou ocupação), a política local e esferas do simbólico e do cultural sobre a região. Este debate pode ser encontrado em Arias Neto (2008), Adum (1991) e, mais recentemente, em André (2014).

Ao tratar dos aspectos simbólicos remetentes à esfera política em Londrina, Arias Neto não tenta desmistificar o progresso, nem se verifica na sua intencionalidade negar o desenvolvimento econômico e social que a região experimentou ao longo das décadas de 1940 a 1970. O mérito do autor se encontra, portanto, em justamente pontuar as mudanças que as representações do progresso causaram no âmbito político da sociedade londrinense. Ainda assim, demonstra como estiveram

circunscritas pelas ações diversas que grupos políticos e econômicos projetaram para engendrar seus interesses.

As representações mais significativas são a de “Terra da Promissão”, vinculada ao primeiro momento de colonização, e de “Eldorado”, posterior à década de 1940, muito mais ligada ao empreendimento cafeeiro. No entanto, estas duas representações não carregam o sentido original das expressões, mas, sim, demonstram o aspecto de simbologia das oportunidades de trabalho e enriquecimento em profusão.

Por outro lado, Adum (1991) escreve sobre um discurso de felicidade presente nas primeiras décadas da cidade de Londrina, no qual havia um otimismo exacerbado com as possibilidades ofertadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná e pela representação de prosperidade causada por suas propagandas. Este discurso é encontrado nas fontes documentais produzidas entre as décadas de 1930 a 1970, compostas por variados estilos, formatos e propostas. A autora salienta ainda que estas obras são fontes primárias, mas, que por muitas vezes foram confundidas com a própria historiografia da região. O conceito de progresso é plausível de ser apurado em praticamente todos os documentos consultados.

Já André (2014), vai se ocupar de tema semelhante com relação à periodização e ao recorte especial. No entanto, seu trabalho se volta muito mais para uma simbologia construída sobre a natureza na cidade de Londrina. Para tanto, lança mão de fontes fotográficas, principalmente advindas de José Juliani, fotógrafo contratado pela CTNP para justamente compor um cenário quase idílico em suas pretensões propagandísticas em relação a comercialização dos lotes de terras da companhia supracitada.

O autor percebe alguns lugares comuns no conjunto artístico de Juliani, por muitas vezes remetendo a ideias de uma natureza paradisíaca contemplativa. Ao passo que toda essa iconografia da natureza ocupa hoje um lugar de destaque na construção da memória da cidade marcando a importância do contexto de sua obra.

Duas obras, em especial, se dedicaram ao enfoque sobre o Londrina Esporte Clube sob a pretensão de escrever a história do referido clube na sua totalidade. *Londrina Esporte Clube 40 anos: do caçula gigante ao tubarão*, livro escrito pelo jornalista esportivo José Mateus de Lima (1996), em razão da comemoração do

aniversário do clube pode ser caracterizado como uma obra na qual se estabelece a ordem cronológica na narrativa, com pequenos textos, alguns em formatos de crônicas, em seus entremeios. Enquanto Lima Sobrinho (2005), esportista que exerceu conjuntamente a atividade docente na área da Educação Física, publica *Londrina Esporte Clube contado... em fatos e fotos*. Esta obra, por sinal, se apresenta com a pretensão de tecer a história do clube na sua plenitude, de maneira objetiva e factual.

Tornou-se muito comum este tipo de publicação no ambiente letrado brasileiro, sobretudo a partir dos dois últimos decênios. Geralmente escrito por jornalistas, quase sempre fruto de alguma pesquisa, voltado ao grande público com acentuada destinação aos torcedores do clube em questão. Pode-se caracterizar uma boa parte destes livros como almanaques contendo demasiado número de jogos e estatísticas. As duas obras podem ser enquadradas segundo estas características.

Não obstante, outros trabalhos produzidos em Londrina também se dedicaram ao estudo do futebol e dos esportes. Sobre o Londrina Esporte Clube, num trabalho de conclusão de curso, Leandro e Bachega (2015), realizaram um documentário em formato auditivo, análogo a um programa radialístico para narrar a história do clube no momento de sua efeméride de 60 anos. Tratando-se de um trabalho jornalístico foi apresentado em texto e áudio. Todavia, a história narrada pelos autores chega a flertar com uma romantização positiva, bem num estilo jornalístico local, muitas vezes tendencioso aos momentos áureos de um determinado clube.

Ainda sob o viés jornalístico, Boni, Komarchesqui e Rodrigues (2010), apresentam um texto acerca do rádio em seus primórdios, enfocando nos seus primeiros tempos e os primeiros radialistas, e como não poderia deixar de ser, as primeiras radiações de partidas futebolísticas londrinenses. Fruto de pesquisa acadêmica expõe ao público um panorama desse formato de imprensa, utilizando como fonte principalmente relatos orais, portanto, traz em seu bojo noções de memórias desses atores sociais.

Jamus (1983), a partir de uma especialização em Educação Física, escreve uma obra com um caráter um tanto descritiva dos Campeonato Paranaenses de 1972 a 1981, seu recorte, contudo, está na participação do Londrina Esporte Clube. A análise fica restrita, assim, aos aspectos táticos e técnicos do futebol, escapando um

pouco do interesse, mais direcionado a historicidade, mas não deixa de configurar um indício de uma suposta importância dada ao LEC entre os seus anos “gloriosos” a partir de uma pesquisa realizada dentro da Universidade Estadual de Londrina.

O tema futebol foi incorporado e trabalhado por historiadores e pesquisadores de áreas afins ao longo das últimas décadas. Um movimento de pesquisa contínuo no qual se observa abordagens que contemplaram questões pertinentes ao esporte numa tendência cada vez mais variada em suas ramificações. Um desses aspectos passíveis de um olhar mais detalhado é a relação existente entre o futebol, suas competições e os palcos de prática, isto é, seus estádios e a simbologia deles decorrentes. Assuntos englobados no próximo capítulo.

2. AGORA, O NACIONAL

Examina, neste capítulo, com mais cuidado quais fatores estão ligados à inclusão do Londrina Esporte Clube no mais importante campeonato nacional, visto que não existiam divisões de acesso como acontece hoje. A fórmula de disputa do Campeonato Brasileiro foi constantemente alterada durante suas três primeiras décadas de existência, considerando ter iniciado em 1971.

Com exceção das duas primeiras edições (1971-1972), a Segunda Divisão, competição que reunia times de menor expressão e acontecia paralelamente à Primeira Divisão, não estabelecia critérios claros para acesso ou rebaixamento entre os participantes. Somente nos anos 1990, quando a Segunda Divisão cresce em importância econômica e cultural entre os torcedores, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou uma forma mais sistemática para os regulamentos de descenso e acesso entre os clubes (SANTIAGO JUNIOR, 2006).

A hipótese elencada é que o LEC foi incluído no campeonato via uma negociação política envolvendo agentes da ditadura militar e governantes locais. Não obstante, foi requerido à cidade e ao clube (Londrina e o LEC) um estádio de futebol capaz de abrigar grandes espetáculos ao nível das pretensões de um campeonato nacional; já que o palco das emoções londrinenses ainda era o Vitorino Gonçalves Dias, acanhado estádio que comportava não mais que quinze mil pagantes. Surgiu, então, o Estádio do Café, construído pela prefeitura municipal, apoiado pela população, comerciantes e jornalistas. Com capacidade de público de aproximadamente cinquenta mil pessoas, foi um empreendimento de saltar os olhos.

Por outro lado, não é um caso estranho em nível nacional, pois, outros tantos grandes estádios de futebol foram erguidos durante a ditadura em muitas regiões do país. Durante todo o período da ditadura militar foram construídos ou significativamente reformados, cinquenta e dois estádios em todo território nacional (STEIN, 2014).

De acordo com o relato do ex-presidente do clube no mandato de 1974 a 1975, Fernando Agudo Romão, foi precisamente em 1974, quando

[...] o Londrina queria entrar no Nacional, então eu peguei, como eu tinha muito, muito relacionamento, com os militares, eu fui falar com o General lá. Eu, o Prefeito era o Richa, foi eu e o Richa, Jaci Scaff também foi junto comigo né, e aquele, aquele Deputado, [Reinhold] Stephanes. Ainda ta vivo né? O Deputado era lá de Curitiba, ele que apresentou nós lá pro General e nós conseguimos. O General falou: “se vocês fizerem um campo aí...” Nós apertamos o Richa pra fazer um campo, o Richa falou que ia fazer um campo, então a turma falou assim: se vocês fizerem um campo eu coloco vocês, o Londrina na série A. E ele, de fato, colocou a gente na série A (ROMÃO, 2018).

O general referido por Romão era na verdade o Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD entre 1975 a 1979, homem da ditadura que manejou e negociou as participações dos clubes neste campeonato. Por sinal, o ex-presidente do LEC tinha relações partidárias com a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Fato que segundo o próprio teria facilitado os “trâmites burocráticos” (ROMÃO, 2018).

Aspectos novos em pesquisas de História Cultural como o futebol, por exemplo, só podem ser levados em conta se postos em relação com o espectro mais amplo. No caso, esta afirmativa tem muita relevância, porquanto que o intuito é também compreender qual a relação estabelecida entre a questão da inclusão do LEC no Campeonato Brasileiro de 1976 com a dimensão política que a subjaz. Um ditado comum em tempos do crescimento vertiginoso da participação de times disputando o certame em pauta é razoável para seguir com a ideia: “Onde a ARENA vai mal, um time no nacional”.

A ARENA, partido político representante da ditadura militar, realmente não estava em seus melhores momentos em Londrina. A última eleição municipal antes do evento foi vencida pelo opositor José Richa, político ligado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A própria concepção de um campeonato que pudesse unificar todas as regiões do país é já uma jogada política lograda pelos militares. Antes de 1971 é um tanto complicado aplicar a ideia de campeonato nacional aos moldes do qual o LEC participou, incorrendo nos riscos de anacronismo. As estratégias políticas, porém, nos interessam muito mais no tocante à equipe do Londrina, já em meados dessa década. Possivelmente o fator que propiciou o LEC na elite do futebol brasileiro foi essa relação conflituosa entre duas instâncias rivais pela disputa do poder.

Sob esses rastros construiu a hipótese da força maior em colocar o LEC no cenário do campeonato mais importante de clubes no período enquanto uma negociação engendrada por políticos a nível local e nacional, com aspirações que ultrapassam o “simples” desejo de glórias e conquistas perspectivadas por dirigentes e torcida.

2.1 O LONDRINA ESPORTE CLUBE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL

Existe, atualmente, um debate no meio esportivo que possibilitou que alguns clubes brasileiros conseguissem que os títulos da Taça Brasil (1959-1968) e Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970), também chamado de “Robertão”, fossem considerados como conquistas nacionais, equiparados ao Campeonato Brasileiro disputado a partir de 1971.

A obra que fundamentou a argumentação pela unificação dos títulos nacionais, mencionada acima, foi um dossiê escrito por dois jornalistas, José Carlos Peres e Odir Cunha, em 2010, a pedido justamente dos clubes brasileiros beneficiados por tal proposta. Tratam-se dos seis times campeões no respectivo período: Bahia, primeiro campeão da Taça Brasil, em 1959; Santos, campeão da Taça Brasil entre 1961 a 1965 e do Robertão, em 1968; o Cruzeiro levou, em 1966, a Taça Brasil; o Palmeiras conseguiu ganhar no mesmo ano, 1967, as duas competições, além de repetir a conquista da Taça Brasil, em 1960, e do Robertão, em 1969; por fim, o Fluminense, campeão da última edição do Roberto Gomes de Pedrosa, 1970. Posteriormente a este pleito, o dossiê foi publicado em formato de livro (PERES; CUNHA, 2011).

Oficialmente a CBF reconhecia, até o ano de 2010, apenas os títulos dos clubes brasileiros a partir de 1971 com caráter de campeão nacional. A partir da Resolução da Presidência nº 03/2010, a CBF passou a reconhecer como competições nacionais todas as edições da Taça Brasil e Robertão, entre 1959 a 1970 (PERES; CUNHA, 2011, p. 317-320). Entre os argumentos da confederação para legitimar a proposta estavam o caráter regular e ininterrupto das competições desde 1959; o fator de grande repercussão alcançado pelo certame entre torcedores e imprensa; o alto nível

técnico dos competidores; além de ter indicado os campeões com os representantes brasileiros para a disputa da Copa Libertadores da América.

A ideia de um campeonato verdadeiramente nacional somente a partir de 1971 deve-se ao questionamento das edições passadas não possuírem, de fato, essas características. Uma vez que é creditado, nesse sentido, uma interferência direta da Ditadura Militar para a efetivação do campeonato. Os militares teriam atuado no emparelhamento das instituições esportivas com o objetivo de criar a integração nacional entre as federações estaduais e seus respectivos clubes.

Essa concepção teria conquistado força com a propagação, por parte da imprensa, desta concepção. Em especial, a revista Placar, criada em 1970, pelo grupo Abril, teria sido a grande responsável por vender e perpetuar essa imagem (PERES; CUNHA, 2011, p. 20). Principalmente entre os torcedores, seus consumidores diretos, mas, também, acabou por influenciar tantos outros jornalistas. Sérgio Xavier Filho (2017, p.p. 40-41), diretor chefe da Placar, fez críticas duras aos clubes e a CBF.

Há interesses clubísticos nessa discussão toda, a 'graça da unificação' é anexar conquistas para o ranking da competição número 1 do Brasil, o Campeonato Brasileiro. [...] colocar todas as competições do passado no mesmo balaio de Campeonato Brasileiro parece ser, no mínimo, uma forçada de barra.

Outros autores, igualmente interessados em entender as interfaces entre futebol e política durante os anos de Ditadura Militar, compartilharam de posição semelhante em relação ao certame em tela, como Francischini (2006), Chaim (2014) e Couto (2014). Por outro lado, Moreira (2017), recusa a ideia do aparelhamento do estado dentro das instituições esportivas quanto ao interesse dos militares na criação de um campeonato nacional. O autor defende que esta iniciativa partiu dos próprios clubes e seus dirigentes, pois, estes já ocupavam cargos importantes dentro do Conselho Nacional de Desportos (CND) e da Confederação Brasileira de Desportos há décadas. As ações e reivindicações internas dos membros desses órgãos teriam inflado um projeto de poder visando atender aos interesses de suas próprias agremiações. Assim, tiveram peso maior que a ditadura para criar o Nacional.

De mais a mais, o historiador Flavio de Campos, coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS), sem adentrar ao mérito dos militares, afirma, categoricamente, não haver parâmetros possíveis para equiparação das disputas “pré-71” e “pós-71”.

O Corinthians é o maior campeão brasileiro porque é o mesmo campeonato disputado desde 1971. Antes disso, temos outros títulos que são importantes e importantíssimos para a formação do futebol brasileiro. Mas a unificação (feita pela CBF) equiparou títulos de natureza diferentes. Em uma reflexão mais ponderada, não faz sentido. [...] Não dá para comparar (as competições). Tem que existir categorias históricas diferentes para não se cometer anacronismos (CAMPOS apud MAZZITELLI, 2017).

As questões mais importantes ao trabalho, todavia, não são referentes às circunstâncias e motivações que deram início a um novo formato de campeonato em si, mas, observa adiante, quais foram os aspectos relativos ao LEC e sua efetiva participação no Nacional. As referências a tal almejo começam a aparecer na imprensa periódica de Londrina já no início de 1974, quando alguns jornalistas passam a cobrar que os dirigentes londrinenses tentassem conseguir uma vaga. Um dos principais aspectos que proporcionaram a conquista da vaga, em 1976, foi a construção de um estádio grandioso.

O sistema de convites a clubes para entrar no Campeonato Nacional tinha fundo político. A cada ano, o campeonato inchava mais. Na imprensa, usava-se o bordão “Onde a Arena vai mal, um time no Nacional”. Em Londrina a Arena ia mal: a cidade tinha o segundo prefeito seguido eleito pelo MDB, de oposição. E era certo que, por seu porte, a cidade seria lembrada. Questão de tempo – e de construir um grande estádio (AMARO; BONI, 2014, p. 109).

O intento aqui é, conjuntamente, analisar como é retratada a campanha do LEC no Nacional já um ano após sua estreia na competição. No campeonato de 1977, que só terminou no ano seguinte, o clube chegou às semifinais e sendo maior resultado já alcançado. Houve um certo frisson na imprensa e na torcida quando o LEC derrotou e eliminou alguns dos maiores clubes do país, mas, se tratando de um momento

extático, evidentemente é efêmero. Nos anos seguintes os resultados foram mais condizentes com um clube do interior e o grande entusiasmo acabou não perdurando.

O Londrina estreia no Nacional de 1976 com enorme expectativa de ver o time em campo, pela própria natureza inaugural que a disputa ensejava, dado a previsão de jogos com elevado grau de dificuldade já na primeira fase. No Documento do Panorama e na Edição da FL é revelado um pequeno balanço dos adversários e os prognósticos dos confrontos a serem travados. Interessante observar a composição heterogênea da chave na qual foi inserido o LEC, com dois clubes do próprio Paraná (Atlético e Coritiba), dois clubes já consagrados no cenário esportivo, representantes das maiores ameaças (São Paulo-SP e Cruzeiro-MG), e outros três de menor potencial ofensivo (Uberaba-MG, Confiança-SE e Botafogo de Ribeirão Preto-SP), sendo os dois últimos também estreantes e, por fim, a Portuguesa de Desportos-SP, tradicional equipe, mas, já decadente àquela época.

Com essa nivelção de equipes o otimismo lançado *a priori* esvaeceu ante a previsão de dificuldades nos jogos que estavam por vir. Por parte dos jornalistas havia desconfiança com as possibilidades de avanço de fases, mesmo com toda a exploração midiática sobre a novidade do campeonato. Outro marco interessante foi de que o LEC teve como primeiro compromisso um velho conhecido do estado, o Atlético Paranaense, perdendo sua “virgindade” nas competições nacionais de modo local.

Se por um lado o entusiasmo fazia presente em algumas linhas dos periódicos que cobriram exaustivamente o clube para a estreia, por outro contrastou-se com críticas ao comportamento da torcida em sua nova casa.

Ninguém pode negar que a torcida, que no VGD parecia tão grande caiu na insignificância após a inauguração do Estádio do Café. Os grupos organizados não estão a altura da grandeza da nova praça esportiva, e o que é pior, não sabem torcer. Essa história de ficar batucando o tempo todo não resolve, especialmente porque não estamos no carnaval. O que realmente importa é o grito de guerra e a presença de muitas bandeiras, na tentativa de contagiar todo o público presente, que por enquanto só está vibrando na hora dos gols, e assim mesmo com notória frieza (CAMPOS, 1976, p. 15).

Essa maneira “fria” de portar-se perante o ritmo dos jogos, aliás, é uma constante em matéria de crítica por parte dos jornalistas. Essa tendência é sentida sobretudo quando, evidentemente, o time não faz jus às vitórias dentro das quatro linhas. A grande empolgação com o campeonato é ponderada se considerar a visão da expressão torcedora dos londrinenses. Bem possível que o LEC tenha suscitado interesse maior por parte da população em razão da visibilidade midiática em potencial de ser conquistada pela extensão do território brasileiro, e plausível, ainda, seria supor que a cobrança sobre o comportamento a ser expresso nas arquibancadas guarda equivalência com a dimensão do Campeonato Brasileiro.

Fato é que o clube não conseguiu em campo os resultados positivos para avançar de fase no certame. O campeonato de 1976, já com cinquenta e quatro equipes na disputa, contou com um acréscimo de doze em relação ao ano anterior. A fórmula de disputa previa seis chaves com nove clubes cada, em turno único, avançando os quatro primeiros para um novo chaveamento, agora de quatro grupos de seis. Os três últimos de cada grupo da primeira fase fazem a repescagem, classificando-se apenas o primeiro colocado de cada um dos seis grupos. Na quarta etapa do campeonato dois novos grupos com nove clubes cada, dos quais avançavam apenas os dois melhores de cada lado para travarem a semifinal e, posteriormente, a final.

O Londrina não conseguiu um desempenho brilhante frente a seus adversários na primeira fase, terminando em sétimo lugar, com apenas duas vitórias, três empates e três derrotas, restando, portanto, a repescagem em última instância. Assim mesmo a eliminação precoce em sua estreia no Nacional foi inevitável. O sabor mais amargo experimentado pela equipe ocorreu com a oportunidade desperdiçada da reclassificação dos piores times do grupo. Nessa ocasião somou quatro derrotas e despediu-se de sua primeira experiência dentre a elite do futebol nacional. Na classificação final da competição figurou na longínqua quadragésima nona colocação, a frente apenas de Rio Branco-ES, ABC-RN, Ceará-CE, Treze-PB e Desportiva Ferroviária-ES.

Foi melancólica a despedida do Londrina no Campeonato Nacional. Os jogadores fizeram cera para perder de apenas um a zero [...] E o que é pior, no fim do jogo, ainda teve gente que falou em amor à camisa. Talvez este alguém estivesse falando da camisa da Portuguesa de Desportos [...] (CAMPOS, 1976, p. 11).

O fracasso do clube surtiu efeito na análise jornalística em pauta e as duras posições acusavam, principalmente, os jogadores de atuarem em desrespeito à camisa do LEC, os quais visariam tão somente o ganho financeiro em detrimento do rendimento nos gramados. Isso porque os atletas teriam recebido um “bicho” oferecido pela Portuguesa-SP, rival direto do Cruzeiro na reclassificação. A derrota pelo placar mínimo favoreceu os paulistas que avançaram como campeões do grupo. “Assim, enquanto os jogadores faturam e a diretoria se mostra insuficiente para resolver os problemas, a torcida sofre e o colesterol de muita gente sobre. E a vida continua, provavelmente com muitos outros fracassos futuros [...]” (CAMPOS, 1976. p. 11).

Apesar do prenúncio do jornalista Flavio Campos, o Londrina, logo no ano seguinte, alçou-se a um momento extático com a quarta colocação do Campeonato Brasileiro daquela edição, 1977. No entanto, considerando um tempo mais alargado, o clube somente disputou o campeonato até o ano de 1982, sem, até o presente momento, ter regressado a elite do futebol nacional. Questões estas que ultrapassam os limites deste trabalho. Interessa, por ora, analisar alguns dos significados em torno da memória erigida pela construção do Estádio do Café, bem como pelo Estádio Vitorino Gonçalves Dias, local escolhido para abrigar o Memorial do LEC.

2.2 Os ESTÁDIOS DO CAFÉ E VITORINO GONÇALVES DIAS E SEUS SIGNIFICADOS

Introdutoriamente, nesta seção, realiza uma contextualização geral acerca do processo histórico que logrou a construção de alguns estádios de futebol no Brasil e sua relação com a sociedade. Deve-se caminhar para a superação da associação entre as ideias de nação e nacionalismo com o futebol, ainda um tanto arraigadas na história desse esporte. Os estádios são muito mais do que simples expressões da nacionalidade brasileira. Ribeiro (2012), defende uma história das emoções e sensibilidades construídas no espectro político do futebol.

Após feita essa contextualização, discute-se, especificamente, dois casos na cidade de Londrina, de tal maneira que os estádios são representações da sociedade e da cultura que os elaboraram. Numa partida de futebol se misturam múltiplas classes sociais. Torcedores que nunca se viram antes se entrelaçam neste evento ritualístico compartilhando sentimentos e emoções, “não é absurdo ver o futebol como criador da rede de relações que os antropólogos chamam de parentesco artificial” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 223). Portanto, seria oportuno analisar os sentidos que dois estádios na cidade têm para uma sociedade multicultural.

A construção do Estádio do Café coincide com um período de uma certa crise das representações do progresso da cidade, as quais foram fundamentais no processo de construção do imaginário de uma terra extremamente fértil nas primeiras décadas de ocupação (ARIAS NETO, 2008). O estádio foi construído em meio a possibilidade de participação do LEC no Campeonato Nacional. O próprio nome do estádio pode ser entendido como uma referência à memória da cafeicultura, já que essa cultura havia sofrido seu mais forte revés justamente no ano anterior de sua inauguração, a geada negra, que marcou perenemente a memória do café na cidade.

A mesma coluna do jornal Folha de Londrina que decretou a morte da cafeicultura em 1975 sugere a denominação café para o estádio em 1976, funcionando como uma homenagem fúnebre. Sendo o intento analisar essas representações da memória construídas acerca deste estádio.

Posteriormente, o enfoque é o Estádio VGD, histórico campo de futebol, hoje sede administrativa e patrimônio do LEC que, concomitantemente, foi o local escolhido para abrigar o Memorial do Londrina Esporte Clube. Este estádio tem uma relação grande de afetividade com a cidade, é o mais antigo espaço a sediar jogos de futebol profissional no município. Hoje, conforme apresenta Nora (1993), existe nas dependências do estádio um lugar de memória dedicado a preservar e contar a história do LEC, o Memorial Edson Henrique dos Santos. Surgiu da necessidade da constituição do acervo histórico do clube muito em vista do objetivo de conquistar novas gerações de torcedores. Não menos também está a serviço de prestar homenagens aos personagens que participaram da história do LEC.

Assim, há dois elementos importantes a serem observados. Primeiro, existe um grande estádio, construído na década de 1970, para abrigar os jogos do LEC,

substituindo o antigo VGD. Superou-o em termos de capacidade de público e visibilidade, tanto regional como nacional. Por sua vez, o “superado” VGD, ainda se mantém ativo, e agora revitalizado, em vista da construção de um memorial. Denotando uma carga simbólica forte para todo o espaço que ainda alimenta sensibilidades da torcida e comunidade londrinense. Como se constroem as memórias em relação a esses dois espaços e qual as representações possíveis de serem identificadas?

A cidade de Londrina se constitui enquanto espaço heterogêneo. Muitos lugares poderiam ser aqui enumerados e classificados como patrimônios. Trilhando caminhos semelhantes aos de Poulout (2009), ao remontar à Revolução Francesa toda uma tradição emergente quanto as ideias de preservação e destruição, Camargo (2002), destaca que uma das características da sociedade industrial é a preservação do patrimônio, assim se insere nesse contexto todo esforço pela população em salvaguardar o VGD. Considerando que já houve momentos nos quais o referido estádio foi alvo de projetos para destruí-lo para abrir espaço para centros comerciais.

Também pode-se atribuir a qualificação de lugar ao VGD, segundo Yi-Fu Tan (1983), pois, está intimamente relacionado à percepção temporal. Se demora tempo para ter afeição a um lugar, por outro lado, num estádio de futebol por vezes um único momento extático, por exemplo, durante a comemoração de um gol pode valer e significar muito mais que toda uma experiência de vida.

Por outro lado, Oliveira (2014, p. 28), atribui ao Estádio do Café a característica de patrimônio afetivo, já que “o novo estádio, desde cedo, foi projetado para ser a casa do time do Londrina, e da cidade de Londrina, surgindo, assim, uma paixão, um afeto, uma estima à obra, que era ansiada por todos da cidade”. O autor dialoga com Jacques Le Goff e Nicolau Sevcenko para esclarecer a utilização do conceito de patrimônio afetivo, “que não precisa nem ser datado nem legitimado oficialmente, mas que é guardado por todos aqueles que prezam pela construção como monumento” (OLIVEIRA, 2014, p. 28). Em sua perspectiva, portanto, o Estádio do Café surge como monumento, porém, não pode ser caracterizado como patrimônio cultural por uma série de razões que extrapolam o limite deste trabalho.

Em Londrina, o Estádio do Café teve grande repercussão e entusiasmo, o que gerou na população, em seus primórdios, a apreciação do espaço enquanto monumento de grandeza para a cidade.

Denota da construção de alguns grandes estádios municipais de futebol o interesse governamental alinhado à construção de memórias e a perpetuação a longo prazo dos ideais previstos para cada situação específica. Dois exemplos clássicos, pois, são mais evidentes: No estado de São Paulo, ainda na década de 1930, o futebol cresceu vertiginosamente alcançando o gosto popular e se consolidando como o esporte mais praticado. Nesse ínterim, ocorre um processo fundamental que vai modificar perenemente as estruturas internas do esporte, pois, de uma prática essencialmente elitizada desde os primórdios, ainda no final do século XIX, portanto com características amadoras, passa paulatinamente ao profissionalismo. Este fator causou conflitos de interesses entre ligas e equipes, cada qual disputando seu espaço e sua legitimação enquanto esportista.

Com origem notadamente aristocrática as elites defendiam a prática amadora, enquanto a popularização trouxe o requerimento da profissionalização. Diante de tal perspectiva foi sentindo-se a necessidade de um grande palco para as práticas do esporte bretão, já que se proliferavam clubes, torcedores, torneios de bairro, aumentando em boa medida o interesse do Estado pelo futebol.

Ferreira (2008), defende que o Estádio do Pacaembu, localizado no charmoso bairro de mesmo nome da capital paulista, é um projeto que se encaixa na construção nacional pretendida por Vargas. Obra iniciada em 1936 e é um grande projeto de um centro esportivo para a cidade e tem em seu viés o progresso alimentado pela urbanização crescente. Outro caso diz respeito à construção do Estádio do Maracanã, projetado para ser sede da Copa do Mundo de 1950, a primeira disputada em solo brasileiro. Está intrinsecamente ligado à concepção nacionalista do futebol brasileiro. É um caso particularmente interessante por toda a aura simbólica que o recobre historicamente. A mística do Maracanã, obtida já em seu primeiro torneio, quando da derrota traumática da seleção brasileira frente ao Uruguai, é motivo de estudos e paixões acaloradas.

Hollanda (2014), destaca que este modelo de estádio representa a nação nele mesmo que, sob certo aspecto, rememora o mito da democracia social. Atualmente,

sobretudo a partir da década de 1990, passou-se a defender estádios com características mais europeias, visivelmente destinadas ao consumo, para além do simples torcer. De igual modo, Pires (2014), contesta o discurso de “poderosos” do meio midiático na realização da Copa do Mundo de 2014, que remodelou completamente o Maracanã numa ação de elitização do espaço esportivo.

Em Londrina, cidade muito jovem, ainda, algumas questões relacionadas ao contexto histórico e econômico referentes à época em que se iniciou a construção do Estádio do Café, no ano de 1974, merecem ser pontuadas com mais precisão. A necessidade e a iniciativa de um grande estádio ocorreram em décadas posteriores aos dos dois exemplos citados acima, o que não significa estabelecer uma discrepância sob as circunstâncias que os geraram. Na década de 1970 Londrina passa por severas crises estruturais, tanto em meio ao ambiente urbano como a desigualdade social, como também vem a enfrentar um ponto fulcral na decadência das representações progressistas com a chamada “Geada Negra”, em 1975.

O maior periódico dessa época, o jornal Folha de Londrina, trouxe em sua edição no dia seguinte da geada, numa coluna social, uma expressão marcante, atenuando a agonia decorrente do evento - “O Velório da Cafeicultura” (FOLHA DE LONDRINA, 1975, p. 2). A morte desta cultura, como descrito pelo jornal, é simbólica no bojo da crise dos anos 1970. Mesmo a cafeicultura já sofrendo por outros reveses anteriormente é consagrado a esse evento específico o enterro do café. Deste modo, foram expressivas as homenagens póstumas geradas. Talvez, a maior delas seja o batismo do Estádio do Café, tanto pela grandiosidade da obra como pela instantaneidade com que ocorreu a homenagem fúnebre. O então estádio municipal estava sendo erguido numa região distante do centro da cidade, mas, já representava um grande interesse da população local, pois, o maior beneficiário seria o Londrina Esporte Clube, que vivia a expectativa de disputar o Campeonato Brasileiro, como já visto.

A mesma coluna social que havia decretado a morte da cafeicultura sugere a denominação de *Café* para o estádio. Orgulhosamente, em edição especial sobre a inauguração do estádio, o jornal afirma: “Em princípio, o chefe do executivo gostaria que outras sugestões fossem apontadas para o Estádio Municipal de Futebol. No entanto, acabou concluindo que o povo gostou do nome: Estádio do Café, que hoje o Brasil inteiro já conhece” (FOLHA DE LONDRINA, 1976, p. 3). De acordo com Amaro

e Boni (2014), o nome foi sugestão do jornalista Délio César. O que se consegue refletir sobre esta questão dispõe-se no horizonte que almeja compreender se a representação do progresso, fundada em 1975, de acordo com Arias Neto (2008), ainda sobreviveu, ou transmutou-se para o espectro do futebol londrinense, posto que após 1975 o LEC viveu seu auge dentro dos campos.

Como já foi abordado, o Londrina Esporte Clube almejava participar do Campeonato Brasileiro já em 1974, na gestão de Agudo Romão. Assim que o LEC passou a investir nesta empreitada contou com intenso apoio de José Richa, o então prefeito de Londrina, na construção de um estádio municipal de grande dimensão, pois, a CBD requeria um palco que pudesse receber públicos superiores à capacidade do Estádio Vitorino Gonçalves Dias, até então casa do LEC. O projeto e a obra foram planejados pelo secretário municipal, Wilson Moreira, e realizados pela Companhia de Desenvolvimento de Londrina (CODEL). O financiamento da obra foi, em parte, permeado pela colaboração da população local, já que as cadeiras cativas foram comercializadas antes mesmo da inauguração, de tal forma a render dividendos para o andamento do projeto.

A escolha da localização do estádio foi pensada também como alternativa para favorecer o desenvolvimento social e urbano da zona Norte da cidade, muito pouco explorada até o momento. Neste ponto, há semelhanças notáveis com o Pacaembu, uma vez que o governo municipal engendrou o empreendimento possibilitando o desenvolvimento de toda a região. A empresa que doou o terreno era dona da grande maioria dos lotes no entorno da obra, facilitando o comércio das datas.

No plano simbólico é significativa a representação do Pacaembu para a cidade de São Paulo, sendo constituída por ideologias implícitas em seu surgimento, mantidas e reelaboradas ao passo da história. Hoje, o Pacaembu abriga uma importante instituição de pesquisa e ensino, o qual é responsável pela fruição de acervos e patrimônios históricos. Trata-se do Museu do Futebol, respeitado por ser um agregador dos estudos relativos ao tema, e que se tornou referência nacional.

O Museu é uma iniciativa do Governo do Estado e da Prefeitura de São Paulo com realização da Fundação Roberto Marinho. Recebe recursos suficientes para se destacar em relação à qualidade dos serviços prestados. Significa também a importância histórica e a afetividade da população paulista com o referido estádio,

demarcando uma vontade de preservar uma memória ao estabelecer um local para preservar a história do futebol justamente num símbolo da capital paulista.

Muito mais antigo que o Café, a história do Estádio VGD mostra indícios circunstanciais da dinâmica da cidade em plena expansão. O futebol disputado na cidade, originalmente, dispunha de apenas um campo de jogo. De acordo com Silva (2016), já no projeto de reformulação do perímetro urbano, elaborado pela CTNP, havia destinação de uma quadra para a prática do *football*. O campo estava localizado, no projeto, juntamente com outros elementos marginalizados, perante os ideais de estética e higiene logrados pela Companhia. Assim, aquele que seria o primeiro campo de futebol de Londrina foi construído fora da delimitação urbana, localizando-se nas proximidades da delegacia, do cemitério e da zona do meretrício.

Nos anos 1940, quando ainda não havia um exorbitante número de equipes de futebol já se defendia a criação de uma praça esportiva ampla. Silva (2016), argumenta que essa defesa tinha um caráter essencialmente modernizador. Era, afinal, parte de um discurso proferido pelas elites (em razão de possuírem os meios jornalísticos para tal). O principal jornal do período era o Paraná Norte, totalmente alinhado aos interesses da CTNP e, conseqüentemente, também à política local. Dessa forma, o poder público se aproximou do esporte ao propor a criação de um espaço que correspondesse aos elementos da vida moderna dos grandes centros. Apesar do projeto ambicioso essa praça esportiva ficou somente no papel.

Sobre a história do VGD, quanto à bibliografia consultada, há algumas divergências e imprecisões acerca de sua origem e posteriores reformas. De modo geral, pode-se arguir que o princípio do estádio está ligado a um empresário da cidade, o qual se credita grande incentivo ao futebol londrinense, Jacob Bartholomeu Minatti. Por intermédio dessa pessoa a CNTP doou um terreno destinado à construção de um estádio de futebol, o qual seria pertencente ao Esporte Clube Recreativo Operário, time que o próprio Minatti havia criado.

Esta negociação contou com a colaboração de Aquiles Pimpão, prefeito na ocasião, que também exercia a função de delegado, reconhecido por ter tido uma atuação linha dura em Londrina. Em vista disso, e também por ser amigo de Minatti, o estádio recebeu o nome de Capitão Aquiles Pimpão Ferreira. Alguns autores como Boni; Komarchesqui e Rodrigues (2010) e Silva (2016) argumentam que essa

iniciativa ocorreu em 1944, com a inauguração já no ano seguinte, enquanto o jornalista J. Mateus (1996), afirma que o estádio surgiu em 1947, e Lima Sobrinho (2005), se refere a 1951, datas bem distantes.

O estádio foi desapropriado pela Prefeitura de Londrina no início dos anos 1950. Após esse período começou uma reforma brusca para adaptá-lo às novas necessidades de público. Em 1954 recebe a denominação de Vitorino Gonçalves Dias em homenagem ao professor de educação física de mesmo nome, falecido naquele período. Há, também, aproximações das concepções do VGD com o estádio paulista, mencionado alhures, pois, “Pacaembu e Vitorino têm histórias parecidas por envolverem a iniciativa particular e o poder público, reflexo da cultura paulista em Londrina” (SCHWARTZ, 2016). Cultura essa que influenciou sobremaneira o futebol londrinense como um todo, com muitos times locais recebendo nomes apropriados de grandes esquipes paulistas, assim como uma boa leva de torcedores ainda se mantém fiéis aos clubes de São Paulo.

Por sua vez, pode-se creditar ao VGD uma carga simbólica enraizada na cultura londrinense. Começando pela questão geográfica, pois, o VGD se encontra em uma região central muito próxima à antiga linha do trem, que cortava a cidade passando pela estação ferroviária, e de outros prédios históricos. Por sua localização facilitava a locomoção ao estádio dos torcedores vindos do centro. A partir de 1956, quando surgiu o LEC, o estádio passou a ser primordialmente utilizado pelo clube em seus jogos. Tão logo aconteceu o advento do Londrina Esporte Clube a torcida, ainda em formação, se identificou de tal maneira com o estádio que, já na década seguinte, os dirigentes do clube solicitaram ao legislativo municipal a posse do VGD. Negada, houve descontentamento de grande parte dos aficionados do time que nascera, gerando revolta nas ruas.

Somente na administração de Antonio Belinati, nos anos 1990, o estádio passou, definitivamente, a ser propriedade do LEC. Muito menor em capacidade do que o Café era mais comum a lotação deste do que aquele. Tudo isso ajudou a se criar uma identidade dos torcedores com o VGD e, mesmo após a construção de outra sede para mandar os jogos em casa, o sentimento de carinho continuou a ser alimentado ao longo dos anos.

A modernização do futebol levou a uma maior demanda por praças esportivas que oferecessem muito mais do que um jogo de futebol. Vale ressaltar que, atualmente, as Federações de futebol têm exigido uma capacidade mínima que não mais condiz com o VGD.

Pierre Nora (1993), contribuiu sobretudo para a reflexão da memória no campo da História, utilizando o conceito de lugar de memória. De acordo com este historiador não vive mais numa nação-memória, mas, sim, numa sociedade que não transmite suas memórias no cotidiano, conforme a tradição de outros tempos. Daí a necessidade de se criar espaços destinados a este espectro, “há locais de memória porque não mais meios de memória”. (NORA, 1993, p. 7).

Seguindo esta linha de raciocínio há algumas características essenciais para que se possa caracterizar os lugares de memória. Entende que o Memorial do Londrina Esporte Clube se interliga de forma muito eficaz a esse aspecto, tanto por ser projetado num espaço extremamente simbólico, como por denotar uma vontade de memória dos grupos que estão à frente do intento. Assim, esse lugar de memória só faz sentido porque já pertence ao tempo presente. A importância do papel que exerceu no passado não corresponde mais ao atual.

Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte [...] (NORA, 1993, p. 13).

Por excelência o VGD representa os três aspectos de um lugar de memória. Primeiramente, é material ao se projetar um Memorial, local de guarda de arquivos, recoberto pelo simbolismo existente. Em segundo lugar, tem a característica funcional: além de ser sede administrativa, ainda persiste a prática do futebol, vivido e rememorado pelos treinamentos das categorias de base do clube, que exercem naquele campo carregado de história a função ritual. Por fim, é extremamente simbólico no sentido estrito da terminologia, pois, é um chamariz de lembranças

daqueles que experimentaram a sua história, que hoje é obra de preservação da memória de um grupo que não viveu a realidade de outrora.

A reverberação da memória oficial, ocupada pelas inquietudes de alguns setores da sociedade londrinense, ainda permanece em conformidade com a história da cidade e do futebol enaltecendo os grandes fatos e acontecimentos refletidos em arquétipos que simbolizam o progresso.

Se por um lado Londrina teve a capacidade de construir um grande estádio num momento áureo para o futebol da cidade, com capacidade de aproximadamente 50 mil pessoas (representava mais do que 25% da população local) e que é, sem dúvida, um monumento de orgulho para seus cidadãos, por outro, é um espaço que só ocupa a força que ostenta quando é preenchido de alguma maneira.

Se considerar que o LEC é um clube marcado por ápices de conquistas, mas, com grandes lacunas de crises, é certo que o estádio não manteve a grandiosidade esperada perenemente. Apesar dos momentos sem as grandes glórias vividas pelo clube dentro dos gramados, assim mesmo os Estádios do Café e VGD possuem a característica de lugares de memória, uma vez que são recobertos de significados simbólicos.

3. A MEMÓRIA ENTRA EM CAMPO

Neste terceiro capítulo optou por realizar uma análise embasada na memória através de uma exposição museal ocorrida no MHL.

3.1 O “EXPOSIÇÃO DO QUEBRA CANELA AO TUBARÃO”

Pensar numa identidade visual, organizar um plano de trabalho, angariar recursos para custear as despesas da concepção e montagem de uma exposição por meio de patrocinadores não são tarefas exatamente fáceis diante do atual cenário de políticas patrimoniais do Estado e da iniciativa privada. No caso do MHL, há um valor simbólico grande pela sua imagem de instituição responsável pela preservação e fruição dos bens patrimoniais de Londrina e, por extensão, da região Norte do Paraná. Assim mesmo, conseguir um patrocinador da iniciativa privada decorreu de muito esforço, ponderando o momento atual de crise econômica, principal argumento de recusa, pois, trata-se de um esporte de massas, o qual envolve cotidianamente a paixão de milhares de brasileiros.

Sob a ótica do lucro a curto prazo, investir numa exposição museológica não pareceu um bom investimento ao empresariado local, já considerando a média de visitas recebidas pelo museu e a expectativa de se receber um número maior em se tratando da temática futebol. No ano de 2016 o MHL recebeu um público total de 14.697 pessoas, sendo 9.118 de público espontâneo e 5.579 de público escolar. O que gera uma média de 1.224 pessoas por mês. Durante o tempo total da exposição analisada somaram 4.646 visitantes, com um público aproximado de 1.548 ao mês, sem contabilizar o número estimado de visitantes durante os eventos ocorridos no MHL, que porventura não registram sua presença: 7.210).⁸

A alternativa viável para executar o projeto foi buscar no maior clube da cidade e, atualmente, o único profissional, o Londrina Esporte Clube, o patrocínio. Apoiados pela intenção de propagar sua história, justamente num período de comemorações

⁸ Dados obtidos na própria instituição a partir das estatísticas do livro de visitas.

dos seus 60 anos, foi possível realizar a exposição. Para tanto, uma sala foi dedicada a homenagear o LEC, contando parte de sua história por meio de acervos tridimensionais e documentais, alguns pertencentes ao próprio clube e também, uma série de fotografias. Conjuntamente aos acervos do LEC, a sala conteve fotografias de times que participaram do futebol amador na cidade durante as décadas de 1950 a 1970.

Para não exaltar de modo passional a história de um time tão bem-querido pelo meio jornalístico e população em geral, considerando o investimento logrado pelo clube, procurou-se evitar a lógica de um museu de clube. Isto é, não direcionar as ações para tão simplesmente evocar uma história gloriosa do time, como forma de enaltecer suas conquistas.

Com isso, pode-se até agradecer um grupo de torcedores, mas, pecar-se-ia em não relativizar a grande alternância das circunstâncias histórias desfavoráveis e positivas, reconhecida, sem grandes ressalvas, pelos mesmos torcedores. Seguindo a metáfora proposta por Franco Júnior (2007, p.p. 338-341), pode dizer que a Roda da Fortuna⁹ operou com imprecisão para os desígnios do LEC nas últimas seis décadas, pois, de “Caçula Gigante” ao “Tubarão”, duas representações imponentes do clube presentes nas décadas de 1960 a 1980, assis-se, concomitantemente, ao declínio de seu prestígio e de sua estrutura física e financeira nos anos 1990 e 2000, acarretando profundas crises estruturais e gerando, em alguns momentos, séria ameaça de falência.

Todo esse quadro afetou as políticas de guarda e preservação do acervo do clube. Uma boa parte do arquivo e do material histórico do LEC estava em situação um tanto deplorável (figura 2). A imagem a seguir foi retirada no momento de pesquisa para concepção da exposição e revela a situação de troféus, uniformes, acervos audiovisuais, entre outros, acoplados numa pequena sala localizada dentro do Estádio Vitorino Gonçalves Dias, bastante empoeirada e sem o mínimo de cuidados para garantir a integridade do material.

⁹ A referência utilizada por Franco Júnior (2007, p. 338-339) diz respeito a uma associação com a Deusa da Fortuna. “São manifestações dela os resultados absolutamente inesperados, aquilo que a expressão popular chama de zebra. É justamente porque flutuações da sorte fazem parte do futebol que ele se constitui em tão boa metáfora da vida.”

Figura 2 – Sala do Acervo do Londrina Esporte Clube



Fonte: O autor (2016)

Sem organização nenhuma e tampouco controle, esse descuido acarretou a perda imensurável de acervos ao longo dos anos, por negligência dos próprios dirigentes e funcionários. Pensa-se ser umas das primeiras iniciativas para reparar tal política desastrosa o apoio à exposição, abrindo seu arquivo para pesquisadores interessados em resgatá-lo e manuseá-lo. Isso demarcou também uma vontade de memória do próprio clube, sendo um indício de tomada de consciência patrimonial, ainda que demasiadamente tímida.

Após o término da exposição o clube almejou concretizar seu projeto de construir seu próprio espaço de memória, com efeito, transferiu o material, catalogando-o e higienizando-o, para outro local mais apropriado com intuito futuro de não mais perder objetos por má administração.

Hoje, o Memorial Edson Henrique dos Santos já se encontra em funcionamento e conta com duas salas expositivas. Localizado dentro do Estádio Vitorino Gonçalves Dias, o memorial reúne diversos troféus, flâmulas, quadros, camisas, bolas e fotografias referentes aos mais de 60 anos de existência do LEC.

Dentre todo o vasto material pesquisado em variadas instituições foram realizados recortes e seleções. Como a princípio a ideia era realizar uma exposição unicamente fotográfica, especialmente do futebol amador, com imagens provenientes

da coleção de Miguel Ramos, houve uma preponderância dessa tipologia em detrimento de outros acervos.

Possibilitados pela amplitude da noção de documentos históricos, decorrente das inovações teóricas/metodológicas do século passado, as imagens conquistaram seu lugar definitivamente enquanto fonte para o historiador. No entanto, é sempre propício não cair na armadilha de pensar uma imagem, mais precisamente uma fotografia, como realidade congelada, ou utilizá-la como mera ilustração para trabalhos acadêmicos, como alerta Burke (2004). As imagens podem ser abordadas como evidência histórica, salvo os cuidados necessários.

Como proceder diante de uma extensa coleção fotográfica para fazer os recortes necessários? Ante essa questão foi solicitado ao próprio colecionador que operasse tal recorte preliminar, selecionando as fotos que considerava mais significativas, divididas em três categorias distintas: futebol de campo, futebol de salão e futebol suíço. Primeiro porque seria muito penoso, tanto quanto inviável, a instituição museu escolher quais seriam as fotos a serem expostas, dado o tempo previsto para inauguração pré-estabelecido. Em segundo lugar, foi Ramos quem recorreu ao MHL, e não o contrário, por conseguinte há uma vontade de memória explícita por parte do indivíduo. Após esta primeira seleção, restringida pela falta de recursos financeiros, foi preciso eleger outro conjunto que para ele eram mais relevantes com relação à história do futebol local.

Além da participação de Ramos no processo de seleção das imagens, a equipe técnica do MHL colaborou de forma ativa para execução do projeto. Amauri Ramos da Silva, arquivista e funcionário do museu, foi responsável pela concepção museográfica. André Xavier da Silva e Osvaldo Fiorato Junior, conjuntamente a Amauri e Miguel, participaram da curadoria.

Imagens contêm mensagens ao público, previamente elaboradas cognitivamente, são manipuláveis na medida em que podem ser adulteradas, forjadas, em razão da pretensão pretendida. De antemão, para serem expostas, todas foram doadas ao museu em formato de arquivo digital. Digitalizadas, passaram por um tratamento qualitativo e foram modificados aspectos como nitidez, cores, tamanhos, bordas estilísticas e outros itens. Assim, assume-se a manipulação explícita

objetivando uma determinada mensagem ao público, somada ainda a outros recursos, como legendas explicativas e o próprio cenário envolto da exposição.

À vista disso, adotou-se a estratégia de trabalhar com a maior variedade possível das práticas futebolísticas em relação aos grupos sociais. Do futebol varzeano, representado como um “futebol menor” expressão de Silva (2016), até o mais magistral futebol profissional do LEC, com conquistas de campeonatos paranaenses e a quarta colocação do futebol nacional em 1977. Perpassando também pelo amador, organizado por meio de ligas, as quais promoviam os jogos e campeonatos. Por sua vez, os clubes não profissionais continham boa estrutura. Ambos os fatores conferiam uma certa qualidade às disputas. Entre todas essas categorias havia, também, o futebol dos religiosos, dos estudantes, das colônias étnicas e dos trabalhadores. Estes últimos, por sinal, foram alvo de um intrigante debate promovido por um “pioneiro” londrinense.

Faz necessário caracterizar e descrever a exposição mais detalhadamente, pois, a disposição do acervo pelo espaço é fundamental para melhor compreender o cenário no qual efervesceu uma disputa pela memória. A imagem a seguir revela o croqui da exposição, detalhando a disposição das salas.

Figura 3 – Croqui da exposição “Do Quebra Canela ao Tubarão”



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Autor: Amauri Ramos da Silva (2016)

Três foram o número de salas utilizadas durante a exposição. A primeira (figura 4) conteve registros e documentos relacionados às primeiras décadas das práticas futebolísticas na cidade.

Figura 4 – Sala “O futebol em meio ao trabalho, ao rádio e à terra roxa”



Fonte: O autor (2016)

O título “o futebol em meio ao trabalho, ao rádio e à terra roxa” é sugestivo neste sentido, pois, permite uma boa noção da perspectiva adotada pelos expositores. A ideia era propiciar ao visitante um ambiente correlacionado à paisagem ambivalente do rural e urbano, remontando aos clubes das primeiras décadas da colonização, expressão do lazer de grupos sociais. Revelou, ainda, uma das facetas mais saudosas do futebol, o tempo do rádio. Época na qual ecoavam gritos emocionados de gols e descrições detalhadas e exaltadas das jogadas durante uma partida.

Um antigo rádio permaneceu tocando uma gravação de uma jogada que culminava com a bola estufando as redes, somado a um som ambiente de gritos de torcida ao fundo. O visitante podia experimentar sensações comuns à paixão vivida nos estádios de futebol. Guardada todas as devidas proporções, o Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, opta por semelhante escolha na sua exposição de longa duração. “cuja aposta é mais ampla e audaciosa por, justamente, abrir mão de representar o futebol por sua materialidade e considerá-lo nas suas potencialidades em termos de experiências sensoriais: dos gritos da torcida à prática de um chute” (AZEVEDO; ALFONSI, 2010, p. 281).

Já na segunda sala (figura 5), foram destacadas, especificamente, as práticas do futebol de salão e futebol suíço.

Figura 5 – Sala “O futebol ganha outras modalidades”



Fonte: O autor (2016)

Várias modalidades esportivas movimentaram o ambiente esportivo de Londrina a partir de meados do último século. Por meio dos Jogos Abertos do Paraná (JAPs), evento que congregava competições esportivas múltiplas, a população local acompanhava entusiasmada os times representantes da cidade. Havia diversos campeonatos patrocinados por clubes locais, contando com muitas equipes do município. Denota uma atenção especial, nesta sala, o caso da criação do futebol suíço. Há uma narrativa a qual sustenta a ideia de que foi em Londrina que esta modalidade teria surgido, num dos seus principais clubes, o late Clube.

Esta versão encontra respaldo no livro “Futebol suíço: uma opção de lazer”, escrito pelos professores de Educação Física, Ariobaldo Frisselli e Marcelo Mantovani (1999)¹⁰. Segundo a narrativa dos autores, teria sido um português, antigo funcionário do clube, Vasco de Almeida Martins, que em 1966, teria feito algumas adaptações ao tradicional futebol de campo com o objetivo de proporcionar um jogo mais dinâmico e prazeroso, dando origem, deste modo, ao atual futebol suíço. Esta particular história pode ser enquadrada como uma disputa pela memória, a qual atribui a determinado

¹⁰ Este livro, por sinal, esteve exposto em uma vitrine da respectiva sala.

personagem a criação de uma certa modalidade do futebol. No entanto, é difícil precisar esta origem.

No site oficial da Confederação Brasileira de Soccer Society¹¹, na seção histórico, é citada a prática desde a década de 1950 no Rio de Janeiro, concomitantemente, é creditado ao estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente à cidade de Santana do Livramento, a origem da denominação Futebol Suíço. Não podemos precisar a veracidade de nenhuma das versões apresentadas, mas o interessante é notar uma vontade de memória por parte dos londrinenses (FIORATO JUNIOR; SILVA, 2018, p. 125).

A sala “o futebol ganha outras modalidades” teve por finalidade, portanto, apresentar ao público outros modos de apreciação e prática do futebol, colocando em evidência o caso do surgimento do futebol suíço.

Não obstante, este tipo de narrativa não é uma exclusividade do futebol londrinense. Existe na literatura sobre o futebol um lugar comum que diz respeito, com algumas variáveis, às invenções de tradições sobre os primórdios do esporte no Brasil. Funciona quase como uma narrativa de um mito fundador que eleva as categorias de heróis e vilões à personagens históricos. Soares (1999), ao fazer uma leitura crítica dos comentaristas da famosa obra de Mário Filho, “O negro no futebol brasileiro”, os quais denominam de “novos narradores”, percebe que a própria historiografia foi tragada pela trama do jornalista que, segundo o autor, apresenta características de um conto e/ou romance. Assim, a reverberação da história das lutas e resistências dos negros no futebol é assumida indiscriminadamente por boa parcela da academia, sintoma da disseminação de uma tradição inventada no futebol brasileiro.

Por fim, a última sala da exposição (figura 5) contou com parte do acervo proveniente do Londrina Esporte Clube, já que era este o clube a ser homenageado no último trecho do trajeto proposto.

¹¹ Denominação atual da modalidade segundo a Confederação. Popularmente, em alguns estados brasileiros o termo mais utilizado é “futebol suíço”.

Figura 6 – Sala “O futebol atinge a maioria, surge o Londrina Esporte Clube”



Fonte: O autor (2016)

A sala denominada “O futebol atinge a maioria, surge o Londrina Esporte Clube” apresenta a ideia de uma grande novidade no cenário futebolístico, o fenômeno da profissionalização, ocorrido justamente com o LEC, em 1956. Nos anos 1950 Londrina vivenciava um fenômeno de crescimento econômico, em grande parte, favorecido pela produção do café. Consolidou-se no cenário regional e adquiriu importância no Estado do Paraná e no Brasil. Evidentemente, o LEC não foi o único clube a exercer atividades profissionais de futebol na cidade, mas, é o time profissional mais antigo ainda em atividade.

Por essa e outras razões, a referida sala fecha a exposição. Além das fotografias, uniformes e troféus, essa sala também conteve uma experiência sensorial ao possibilitar aos visitantes a audição de narrações originais dos gols do clube em algumas conquistas.¹² Não somente o LEC teve lugar neste espaço, outros registros de clubes amadores, já a partir dos anos 1960, compuseram a sala.

¹² As narrações foram obtidas na Rádio Paiquerê AM. Tratam-se de áudios de gols nas campanhas das conquistas dos Campeonatos Paranaenses de 1981 e 1992 (o clube também foi vitorioso nesse certame em 1962 e 2014), na conquista da Taça de Prata em 1980 e na edição do Campeonato Brasileiro de 1977, quando o LEC alcançou a quarta colocação, desbancando grandes equipes nacionais, como o Corinthians, Santos, Flamengo e Vasco da Gama.

Parte agora para uma discussão a partir de uma fotografia específica. Acervo do próprio MHL, trata-se de um retrato de uma equipe de futebol posada num campo de jogo datada de 1932. A imagem foi exposta na primeira sala da exposição, dentro do recorte temático dos tempos iniciais do futebol londrinense. De fato, foi a foto com datação mais antiga dentro deste espaço, como também é o registro mais antigo sobre futebol nos arquivos do MHL.

Figura 7 – Time Pá e Picareta



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Coleção Gunnar F. Knutson. Autor: desconhecido (1932)

Alguns questionamentos são de primeiro trato. De pontapé inicial, em que contexto está inserida? O que pode ser abstraído de evidência histórica a partir dela?

O futebol na década de 1930, incipiente, mas existente, era praticado já num campo projetado pela CTNP, presente no mapa desenhado pelo engenheiro Alexandre Rasgulaeff. Para o pesquisador Silva (2016), existe aí um sintoma evidente da marginalidade do futebol, pois, sua localização está além das fronteiras da malha urbana, conjuntamente a delegacia de polícia, zona do meretrício e o cemitério. Todos esses elementos não faziam parte da estética de higiene requerida ao município emergente.

A imagem revela um time intitulado “Pá e Picareta”. Segundo ficha do acervo fotográfico do MHL, foi doada pelo senhor Gunnar F. Knutson, nos anos 1980, um engenheiro sueco, o qual conjuntamente a Geofred Diment, chefe engenheiro responsável pela construção da linha férrea de Londrina até Campo Mourão. Foram os dois sujeitos que tiveram a iniciativa da formação de tal time, contudo, há de se observar que o time era composto predominantemente por trabalhadores da ferrovia. Seu nome e emblema com referência aos instrumentos de trabalho manuais são indícios da representação de um grupo operário. Silva (2016, p. 111), também faz menção ao instigante time em seu trabalho.

Em certa pesquisa no *Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”* encontramos equipes como a *Pá e Picaretas* dos trabalhadores, majoritariamente negros trabalhadores da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná que nem ao menos foram citados ou noticiados pelo *Paraná Norte*.

Certamente o futebol não estava restrito somente à dicotomia trabalhadores/elite. Denota atenção, todavia, a presença de negros jogando futebol em um time estruturado. É possível que o agrupamento não perdurou por muito tempo, talvez essa seja uma explicação para não serem citados no jornal *Paraná Norte*, criado em 1934. Por outro lado, boa parte dos registros de agremiações esportivas tinham por finalidade a divulgação nos noticiários dos periódicos.

Incógnitas ainda permanecem sobre o Pá e Picareta, pois, não há como evidenciar sua longevidade, nem ao menos firmar posição quanto sua instalação na cidade de Londrina. Se eram trabalhadores da ferrovia, imagina que percorreram toda a região pelos trilhos dos trens. Poderiam apenas ter passado pela cidade na qual provavelmente foi feito o registro. De fotógrafo e fotografados desconhecidos, sobra a reflexão: “imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras” (BURKE, 2004, p. 38). Ou o que de fato não foi.

Considera muito mais uma evidência da presença de trabalhadores negros na região do que símbolo de um movimento de luta política, tal qual postula Silva em reportagem publicada no jornal *Folha de Londrina*. A matéria é referente ao referido trabalho de Silva, como faz divulgação da exposição objeto desse estudo. Num dado momento aparece este fragmento:

Composto integralmente por negros operários que trabalhavam na construção da ferrovia São Paulo/Paraná. Todos os integrantes moravam em um conjunto de casas que ficava abaixo da rodoviária. “Os símbolos da equipe remetem a ideia do trabalho e ao mesmo tempo era um time que simbolizava a luta dos trabalhadores, um movimento de olho na questão política”, explica Silva (DO PÁS, 2016, p. 9).

Em primeiro lugar, embora nem todos os trabalhadores sejam afro-brasileiros, eles são predominantes. Também parece estranha a alusão da moradia abaixo da rodoviária, construída somente na década de 1950. Um adendo caberia neste ponto, ocasionalmente os jornais tendem a alterar falas de entrevistados, recortando e compilando trechos para ajustar ao seu formato de texto e seus objetivos comerciais. Seria este o caso para a notícia publicada?

Contudo, o debate aqui é sobre discursos de memória em um museu, a ausência/presença de um determinado segmento social: o povo. Bittencourt (2001, p. 159), salienta que museus “atuam como uma espécie de suporte para um ato no qual o emissor está apenas virtualmente presente”. A mensagem expográfica do “Quebra Canela ao Tubarão” trouxe a presença dos negros trabalhadores no futebol em seus primórdios. Sim, eles estavam lá! Isso foi contestado exaltadamente por um “pioneiro” cidadão, na plena saúde de seus 92 anos, senhor Nelson Gavetti.

Prontamente após a publicação da supracitada reportagem da Folha de Londrina, lá estava ele no MHL solicitando a atenção do responsável pela instituição. Com alguns papéis em mãos discorreu sobre a falta de veracidade contida no jornal, postulando ser sua a verdadeira história do futebol na cidade. Em um documento entregue ao museu, afirma:

Eu, NELSON GAVETTI, como mentor, criador e coordenador do nosso FUTEBOL em LONDRINA, iniciado em março de 1941, não tenho conhecimento dessas formalidades explícitas (Publicação da FOLHA DE LONDRINA em 22-05-2016.) Como por exemplo: Quem realmente promoveu e recebeu ARTHUR FRIEDENRACH a Londrina em 1942. (eu sei do real acontecimento) E por aí vão várias conotações que eu, participante ativo em toda sua época, desconheço (GAVETTI, 2016-a).

Nota-se que a versão apresentada faz parte de suas memórias construídas acerca do período em questão. Segundo o próprio, chegou em Londrina no começo dos anos 1940 e fundou o futebol. Contrapõe, nesta perspectiva, a foto do “Pá e Picareta”, assim como vai em desencontro com outras fotografias de times de futebol do decênio de 1930 em Londrina, presentes na exposição. Pierre Nora (1993, p. 9), pontua que a memória “está aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”. Justamente nas imprecisões, manipulações e no comportamento imediato de reclamação da sua memória, por parte de Gavetti, está a busca pela “história oficial” do futebol.

Além do mais, existe outro ponto que merece ser sublinhado. A voz da elite como única possível para um museu histórico. Ao entregar o documento datilografado por si, simultaneamente a uma série de fotografias, este senhor ainda prometeu redigir um dossiê para provar definitivamente a fidelidade de seu discurso. Quando foi então solicitada uma entrevista ao museu como alternativa a corroborar sua versão apresentada. Pedido o qual foi aceito. Aliás, essa reivindicação não se trata de um caso isolado. O historiador André (2014, p. 77), percebeu esse movimento e argumenta: “o surgimento, por exemplo, de grupos compostos de pioneiros e/ou descendentes reivindicando reescrever a ‘verdadeira história’ de Londrina e, de modo mais amplo, do Norte do Paraná, como tem ocorrido nos últimos anos, indica essa reação.”

Autointitulado um cidadão da elite londrinense, Gavetti exerceu atividades no serviço público, especialmente na Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD). Mesmo sem possuir curso superior trabalhou em escritórios de arquitetura. Também foi membro da Loja Maçônica Regeneração 3ª. Publicou diversas obras poéticas e memorialísticas sobre a cidade de Londrina. Portanto, é um sujeito que ocupa uma posição social, de fato, proeminente. Para ratificar seu lugar social e cristalizar sua memória repete um discurso já tão conhecido: “Eu sou pioneiro oficial, dado pelo deputado estadual, em assembleia, aprovado por unanimidade. Eu e mais uns tantos” (GAVETTI-b).

A representação do pioneiro em Londrina funciona para determinados grupos como uma espécie de mito fundador, ao estilo do que ocorre também nas narrativas

de origens do futebol. Arias Neto (1995), colheu e analisou uma gama variada de depoimentos orais de personagens históricos de Londrina que viveram entre as décadas de 1930 a 1950. Além de encontrar referências comuns às representações do progresso, vigorosas nesse período, percebeu que o pioneiro, enquanto representação de uma identidade, assume diversas facetas.

Por outro lado, é bem verdade que no MHL a representação do pioneiro é histórica e controversa, e tem surtido inúmero de debates. No teor dessas discussões encontram-se igualmente presentes os binômios elite/povo, ausência/presença. Como assegura o historiador Edson Holtz Leme (2013, p. 92), “O fato é que, em Londrina, a questão do pioneiro, enquanto referencial de identidade histórica sempre foi muito forte. Ela ultrapassou o mero registro de participação na formação da cidade para se tornar onipresente na práxis do discurso da história local.”

O futebol para Gavetti era uma diversão e nada mais sério do que isso, tal como outras brincadeiras de criança da época (rodar pião, soltar papagaio, bolinha de gude, etc). Tem orgulho de mencionar que seus pais proviam os recursos necessários para jogar futebol quando menino, como a bola, as traves, apito e jogos de camisas. Sobre a prática da atividade esportiva revela que não era “bom de bola”, mesmo assim, era um jogador assíduo, pois, como era o dono da bola [...]. Todo esse cenário teria ocorrido ainda em Taquaritinga-SP, sua cidade de origem, quando tinha aproximadamente dez anos de idade.

Conta, ainda, sobre sua percepção acerca de sua nova cidade, em 1941, quando deixou para trás o interior paulista: “Aqui em Londrina quando cheguei existia só a quadra de tênis que os ingleses jogavam o tênis [...] Fora disso não existia esporte nenhum” (GAVETTI, 2016-b). Sem uma elaboração narrativa exatamente complexa sobre sua história, continua: “Peguei um terreno, limpei, peguei uma turminha e falei: vamos começar a jogar bola” (GAVETTI, 2016-b). Posteriormente, já na mocidade, arruma o primeiro emprego, “Quando fui pra lá, me desliguei completamente do esporte futebol [...] Eu só iniciei, desenvolvi e depois, então, meu pai tinha escritório de edificação, eu fui trabalhar com edificação” (GAVETTI, 2016- b).

Estes últimos trechos citados foram obtidos na entrevista realizada no museu, corroborando a ideia apresentada inicialmente. O depoente em questão apresenta, além de sua explanação sobre os “fatos”, algumas fotos, às quais poderiam autenticar-

se por si só como testemunho da verdade. Num paralelo com o Museu Histórico Nacional (MHN), abordado por Bittencourt (2001), vê-se uma percepção semelhante por parte de seu primeiro conservador, Gustavo Barroso, ao creditar a autenticidade da história implícita em certas peças do MHN. A imagem abaixo, contida no material entregue ao museu, de acordo com Gavetti, é prova que sustenta a ideia dele enquanto criador do futebol local. Agora, conjuntamente a participação de um primo, Rafael Xella.

Figura 8 - Fotografia do São Paulo Futebol Club



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Coleção Nelson Gavetti(2016)

Por outro lado, a exposição proporcionou a inclusão de personagens portadores de memórias não incorporadas na tradição do esporte oficializado por intermédio de instituições, por meio de um acervo antes pouco conhecido, proveniente deste público em relação ao museu. Conjuntamente a exposição realizada nas três salas de mostras temporárias do MHL, no pátio do museu, o senhor Miguel Ramos expôs toda sua coleção fotográfica disposta em três fileiras de varais. Uma quantidade considerável de visitantes, é bem verdade, foi atraída por essa coleção em específico. Dada a enorme quantidade de imagens, sentiam-se atraídos em se encontrar nas imagens, do mesmo modo que procuravam por referências de parentes antigos, que porventura foram jogadores outrora. Este dado pode ser averiguado por meio de observação *in loco*, já que foram realizadas diversas visitas e foi possível constatar o interesse do público em referências familiares nas fotografias.

Foi permeado por esta circunstância que o MHL recebeu numerosas doações de imagens de sujeitos que nunca haviam posto seus pés naquele espaço. Dessa forma encontraram uma maneira de também fazer parte da história, eternizarem-se em registros fotográficos de seus tempos mais gloriosos. Não raro, estes homens, comumente na faixa etária de 50 a 70 anos, derramaram lágrimas ao recordarem histórias de seus tempos de atuação esportiva (acontecimento também presenciado pelo autor). Aproveitando-se dessa conjuntura foi constituído um subprojeto destinado a realizar entrevistas com esses visitantes, focando nos praticantes do futebol amador, torcedores e alguns envolvidos com a esfera do profissionalismo.

A ideia era formar um conjunto de fontes orais para usufruto de pesquisadores interessados na temática, perspectivando o crescimento de estudos neste âmbito. A produção acadêmica sobre futebol tem apresentado um crescimento considerável nas últimas décadas – lento, mas denso. Conforme explicita Ribeiro (2010, p. 10): “isso tem significado a historiadores e cientistas sociais um esforço em construir novas referências teóricas e metodológicas, bem como um banco mínimo e original de fontes históricas sobre futebol.”

A busca pela memória relacionada ao futebol também é sentida em outras instituições museológicas, como ocorre no Museu do Futebol em São Paulo. Segundo Azevedo e Alfonsi (2010), há um número considerável de correspondências ao museu, por parte do público, solicitando inclusão de determinado acervo, quando consideram haver uma negligência sobre alguma memória específica, seja de um jogador ou de um clube ou campeonato. Ou mesmo, postulam críticas quando a narrativa do museu falha, segundo suas perspectivas, em exaltar um clube rival ao seu, ou, ainda, não corresponder a veracidade dos “fatos” futebolísticos.

No caso do MHL, em meio dessas tantas doações, uma em especial foi fulcral para compor o cenário do futebol amador de meados do último século. Sueli Cavalheira, filha de um ex-dirigente do São Paulo Futebol Clube – mesmo que supostamente teve participação de Gavetti na sua constituição – doou uma documentação riquíssima desse clube ao museu. João Cavalheira foi um dos poucos indivíduos que teve preocupação em conservar este tipo de material. São ofícios, recibos de pagamentos, cartas, plantas, regulamentos, deliberações, fichas cadastrais, resoluções, advertências, entre tantos documentos. Em um deles, foi encontrado um histórico da composição da diretoria do clube desde sua fundação,

ano a ano, até 1951. Nesse documento há uma relação dos nomes dos presentes à reunião que sacralizou seu surgimento, isto no ano de 1942.

Confrontada essa fonte com o discurso de Gavetti, há um aspecto para ressaltar, não existe nenhuma menção a seu nome como criador, fundador ou qualquer outra participação no São Paulo Futebol Clube. Na figura 7 ele exalta sua cooperação para criação do clube, como também indica sua atuação como atleta naquela agremiação, com uma legenda de destaque. De igual modo, não foi possível localizar, em toda documentação recebida do São Paulo F.C., qualquer menção ao seu nome.

Estaria Gavetti fantasiando, ou mesmo sendo enganado por sua memória de eventos passados a mais de 60 anos? A resposta poderia ser positiva, como também, semelhantemente falsa. Decerto não resolveria questão alguma quanto ao par inclusão/exclusão do povo num museu de história. Na esteira da análise de Bittencourt (2001), no tocante ao MHN, supõe estar diante da indignação de um senhor quanto a uma determinada narrativa histórica, que contraria veementemente sua memória de pioneiro no futebol londrinense em face da evidência da presença de negros trabalhadores bem antes de aqui desembarcar.

Acresce-se a isto, o fato de que o envelhecimento, para quase todos, significou a saída da cena pública, o fim da vida ativa e, portanto, a dispersão dos grupos de convívio. Desenraizados no presente, estes velhos encontram o seu lugar no mundo quando se identificam – e todos o fazem – como pioneiros. Esses homens e mulheres – os pioneiros – se vêem no presente como tendo a função de contar como foi o passado às novas gerações (ARIAS NETO, 1995, p. 80).

O excerto acima refere aos depoentes os quais narraram suas histórias e memórias a fim de estabelecer uma conexão viva entre o passado e o presente. É intento desses homens e mulheres expor suas trajetórias de vida, sendo eles operários, comerciantes, de sucesso ou não e, principalmente, figuras públicas. Gavetti, desse modo, não é um mero caso isolado no âmbito dos embates pela memória, mas, sim, insere-se eterno jogo dialético das lembranças e esquecimentos das vitórias e derrotas, dos enaltecimentos e das ocultações.

O discurso do “criador do futebol” segue a fórmula: vim, criei e me ausentei. É notório que este senhor não teve participação ativa para o futebol perenemente, por diversas vezes reiterou ser o futebol apenas uma diversão juvenil, longe de estar conectado a organização social do esporte – abandonou-o logo que começou a trabalhar. Quanto a matéria vinculada no jornal Folha de Londrina, Gavetti não demonstrou preocupação com a exposição em si, mas, com o discurso, resultado de uma pesquisa acadêmica, que não referendou sua memória.

A ideia proposta por um sujeito que proclama sua memória acima de qualquer outra, negando a possibilidade de contraposição, é um claro sinal de que ainda resiste uma cultura de pioneirismo saudosista, por parte de um grupo já estabelecido nos meandros da cultura museal de Londrina, sobretudo no MHL. A disputa pela memória é um campo de forças atuantes e constantes. Assistiu nas últimas décadas, políticas institucionais de inclusão de grupos sociais antes praticamente ignorados pelas narrativas históricas, isto em espaços de memória. No caso do MHL é perceptível esta conjuntura, tanto em exposições temporárias, como em publicações e promoções de eventos.

A guisa de exemplo, citam os povos indígenas. No ano de 2013 foi realizada uma exposição sobre a presença dos indígenas no Norte do Paraná, seguida de publicações a respeito; e ano de 2016, um evento acadêmico, realizado durante a exposição analisada. Alguns indígenas, a exemplo de outros indivíduos, reclamaram sua participação neste esporte, comprometendo-se a entregar fotografias de suas práticas. Esse exemplo sintoniza a amplitude alcançada no interesse de grupos sociais os mais variados em registrar sua participação no esporte mais popular do mundo.

Extrapolando camadas sociais distintas, o futebol é fenômeno que congrega múltiplas sociedades, tem sociabilidade entre os congêneres, mas, ao mesmo tempo, coexiste a depreciação do “outro”, quando posto em adversidade (FRANCO JÚNIOR, 2007). É de gosto popular, benquisto pela classe média e, também, está entre os prazeres das elites.

É amparado neste horizonte, que se objetivou abrir o leque de possibilidades de participações de povos distintos, por vezes até antagônicos, na exposição “Do Quebra Canela ao Tubarão”. Não se furtando dos dilemas decorrentes, objetivou-se, na mesma medida, amparar todas as vozes emergentes, as quais quiseram ser

ouvidas, desde o futebol quebra canela, grosseiro e rústico, até o criador do futebol, elitizado e proeminente na sociedade londrinense.

A próxima imagem (figura 9) foi encontrada no acervo do NDPH. Três jogadores do Londrina Esporte Clube comemoram juntos o abatimento do adversário, nessa ocasião, o Corinthians. Dentre algumas conquistas do LEC, talvez, a mais significativa, pela grandiosidade com que foi tratada, é a terceira colocação no campeonato brasileiro de 1977.

Figura 9 - Carlos Alberto Garcia comemora gol contra o Corinthians



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH)/autor: Edras D'anuniação

Para um time que começou o campeonato sem nenhum crédito é relevante um terceiro lugar. Este jogo marca o recorde de público do Estádio do Café, os fiéis compareceram em grande contingente ao templo naquele “louco verão de 77/78”. O autor do sacrifício, Carlos Alberto Garcia, curiosamente, ou não, já havia atuado no Corinthians. Quando saiu do clube, logo depois demonstrou uma mágoa intensa com o alvinegro. Segundo o jogador foi desvalorizado no Parque São Jorge, chegou a declarar que o culpado por sua saída teria sido Rivelino, ao criticá-lo publicamente.

Talvez, por todos estes elementos, este gol, um dos mais importantes da carreira de Garcia o emocionou e, ainda, o emociona, como verifica-se na figura 10.

Após o ato crucial, repete os gestuais vistos anteriormente. Joelho ao chão, mãos aos céus. Cada ação, gesto, movimento tem significação durante um rito. Garcia, elemento central da foto, está em primeiro plano, sua direção aponta para as arquibancadas do Estádio do Café. Seu gesto repetido muitas vezes, um beijo para o público, transmite suas energias acumuladas aos fiéis e causa frisson. Carlos, à esquerda, e Ademar, à direita, direcionam o olhar para Garcia, suas energias, complementares, se destinam ao protagonista.

Passa, agora, a refletir sobre esta última imagem em questão. Está ligada à figura 9, pois, trata-se da recepção da imagem por sua grande personagem. Esse registro foi feito durante a abertura da exposição “Do Quebra Canela ao Tubarão”, nesta data foram convidados a participar do evento grandes ex-jogadores do Londrina Esporte Clube e muitos outros antigos praticantes do futebol amador, os boleiros de Londrina. Entre os presentes, Carlos Alberto Garcia, considerado por alguns torcedores que viveram de perto seu auge profissional, o maior ídolo do clube.

A carreira de um jogador de futebol possui algumas particularidades se posta em analogia a outras atividades profissionais. A começar pelo tempo em exercício, com exceção dos atletas geniais, os quais podem atuar 10 anos ou mais, em altíssimo nível, grande parcela dos jogadores vive esse momento num espaço de tempo curto. Daí a necessidade de angariar as melhores oportunidades que lhe são ofertadas (contratos). Sua relação de fidelidade é estremecida quando o jogador deixa o clube em busca de melhor salário. Torcedores tendem a não administrar bem essa relação, o amor e a idolatria passam, como um despertar, para o ódio, desprezo.

O ídolo é tanto tido como a marca do falso deus que ele que ele representa (quer dizer, um espírito diabólico), possuindo, então, potência malfeitora que é preciso desmascarar, como também é denunciado como pura ilusão, 'um nada' (BASCHET, 2006, p. 503, grifo nosso).

Baschet se refere a idolatria no mundo medieval; enquanto metáfora, falsos ídolos são desmascarados com frequência no futebol. Nesse caso, são os próprios fiéis que tomam consciência da falsidade, recuam e passam da adoração à repulsão de seus ídolos num instante. No final dos anos 1990 dois casos ilustram a relação de

rivalidade e fidelidade dos oficiantes com seus deuses. Paulo Nunes, conhecido como o “Diabo Loiro”, costumava usar máscaras ao fazer gols para provocar seu maior rival, o Corinthians, já que atuava pelo Palmeiras. Anos mais tarde trocou o Alviverde justamente pelo Corinthians, sua reputação de ídolo palmeirense baixou, e no alvinegro, nunca se firmou.

Por outro lado, Edílson, jogador habilidoso e driblador, fez fama no Corinthians por suas características em campo, recebeu o apelido de “Capetinha”. Curioso que o jogador tinha passagem pelo rival com títulos e muitos gols, inclusive, em finais contra o Timão. Por lá não obteve reconhecimento de seus fiéis permanentemente. Foi no Corinthians que experimentou o céu e o inferno. Responsável pelas maiores glórias do clube (até aquele momento), foi alvo da ira dos fiéis corinthianos, grupos de torcedores exaltados tentaram o agredir após derrota para o Palmeiras, este episódio marcou sua saída.

O apelido de “Capeta” foi atribuído a Edílson pelo jeito irreverente, sempre provocativo, driblador. Por sinal, o que distingue o ofício do jogador aos demais trabalhadores é o uso da malandragem – permitida – e dos recursos para enganar os colegas de profissão, seus oponentes. Garcia, rejeitado no Corinthians, pode aplicar a vingança no gol da foto apresentada acima. Declarou sobre seu sentimento naquele momento: “fiquei chorando alguns minutos após esse gol... Inesquecível”.

Figura 10 – Carlos Alberto Garcia se emociona



Fonte: Museu Histórico de Londrina/autor: Rui Antonio Frias Cabra

A legenda da fotografia continha este depoimento, o jogador teve contato com seus próprios dizeres, rememorou a ocasião, as lágrimas foram inevitáveis. A exposição dedicou uma sala para apresentar parte da história do LEC. Outras homenagens foram feitas ao ex-atleta, uma bola assinada pelo “craque”, sua carteirinha de registro profissional, com as devidas marcas do tempo e, ao fundo, um som que ecoava a narração de seus gols. Deve-se atentar para a relação que o sujeito estabelece com a imagem, reflete a emoção instantânea, tem relação causal e material.

[...] alguns pontos são agora óbvios e têm sido repetidamente relatados, e não apenas nas mostras permanentes daquele museu: o momento captado necessita comunicar ao observador pouco ou nada de um acontecimento que ocorre no tempo; os fotógrafos estão sujeitos a muitas formas de manipulação (a excisão de figuras; cortes e atenuações para alterar a interpretação do observador) e o significado prontamente legível muitas vezes é apenas gerado pela combinação com uma legenda. Legendas diferentes para a mesma fotografia com frequência produzem significados radicalmente diferentes ou até contraditórios (GASKELL, 2011, p. 272).

O fotógrafo em questão, Rui Cabral, é funcionário do Museu Histórico. Sua presença na exposição é uma intrusão ao espetáculo, ou melhor, suas lentes o são. É também agente, está oportunamente acompanhando a movimentação em busca do grande registro. Há de se ponderar que além do fotógrafo, nessa ocasião, os expositores são manipuladores. A foto teve de ser tratada, redimensionada e acrescida de uma legenda, a qual o conteúdo gera recepções ímpares. A escolha proposital de incluir a fala da personagem central pode ter alterado sua percepção, conseqüentemente, sua emoção. Além do contanto com o momento eternizado (a imagem em si), as palavras têm poder.

Interessante observar que Garcia também está fazendo uma fotografia no exato momento no qual as lentes o flagraram. No mundo contemporâneo a efemeridade é uma constante, vive-se em tempos de *selfs* exacerbadas. Garcia registra seu próprio eu, atuou enquanto manipulador da imagem, tal qual os autores, a distorce, descontextualiza. Seu olhar é de contemplação a si mesmo, ao mesmo tempo em que transparece a saudade de outrora, tempo mítico glorioso, quando foi herói, vilão, ídolo e protagonista. Hoje, restam as imagens, cristalizadas em memória.

Certa vez, o ex-goleiro Ado citou Figueroa para exemplificar a carreira profissional de um jogador, “no futebol é o seguinte: é aquele cara que faz o primário; faz o vestibular; presta; se forma; e, aos trinta e três anos, ou tem que parar a profissão” (STINGHEN, 2011, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como anunciado na introdução, esta dissertação teve por objetivo discutir questões pertinentes ao conceito de memória aplicado sobre a prática do futebol em Londrina. Procurou-se, ao longo do texto, abordar diferentes formas de manifestações da memória, qual seja ela um campo aberto para disputas e questionamentos entre os diversos grupos sociais presentes em uma sociedade.

Aberta a manipulações e interpretações criativas a memória daqueles que praticaram e vivenciaram de perto o futebol tende a ser eivada de paixões, como é natural ao próprio esporte. Longe de firmar posições quanto ao mérito qualitativo de cada qual, buscou-se analisar, principalmente como ela está em constante conflito, a depender das vozes que a pronunciam.

Inicialmente discutiu-se como o início do Londrina Esporte Clube possui versões distintas, de requerentes ao posto de “pais fundadores” do clube. Dois importantes personagens ligados a esta “origem” postularam seus depoimentos por meio da imprensa local, por ocasião de edições especiais as quais abordaram de forma ampla a história do LEC, quando este iria ingressar no tão almejado Campeonato Nacional. Por sinal, estas duas publicações dos jornais *Folha de Londrina* e *Panorama* também marcaram a construção da memória sobre o clube, dado que cada qual, disputando assinantes e patrocínios, optou por dar ênfase a uma determinada vertente sobre os acontecimentos envolvendo o LEC.

Posteriormente, foi analisado como se deveu o ingresso do LEC no torneio nacional, destacando, pela própria fala de um ex-presidente, Agudo Romão, a negociação direta envolvendo clube e CBD, haja vista que não havia acesso e descenso, como é natural atualmente. Nesta relação entre a ditadura militar e a gerência esportiva do período foi possível perceber as imbricações entre os membros da CBD com os dirigentes do LEC, assim é possível observar que nos bastidores das entidades acertavam-se os destinos das agremiações pretendentes à disputa de seu principal campeonato.

Estas, por sinal, vislumbravam além das representações de grandiosidade adjuntas a visibilidade adquirida, renda e poder dentro de seus grupos e instituições. Um dos principais pontos para que houvesse sucesso nesta barganha era

a necessidade da construção de um novo estádio na cidade. Neste sentido, surgiu o Estádio do Café, possibilitando a concretização dos intentos forjados por parte do LEC. Assim, discutiu-se quais os significados envolventes nesta praça esportiva, pondo em relação ao seu antigo/atual estádio VGD.

Antigo, pois, as partidas do time profissional passaram a ocorrer primordialmente naquele a despeito deste. Atual, pois, hoje o estádio abriga não somente a sede administrativa do clube como também o seu próprio Memorial, marcando a transgressão do tempo no que considera ser a caracterização de um lugar de memória por excelência.

Por fim, adentra-se numa discussão sobre uma exposição que destacou, para além do LEC, as memórias do futebol em Londrina. Por conseguinte, houve debates acerca do conteúdo e da narrativa presentes no espaço museal. Novamente a memória emergiu como campo de batalha travada por reivindicações de um proeminente personagem local.

Ainda no primeiro capítulo levantou-se um debate que opôs os praticantes do futebol amador e os profissionais do LEC, quando da disputa pela utilização do Estádio VGD. Por essas vias há de se considerar que, de fato, a praça passou a ser propriedade do clube profissional ulteriormente. Na batalha por representatividade esses levaram vantagem sobre aqueles. Mesmo assim, o futebol amador, outrora principal atração esportiva, continuou a existir, evidentemente, com menos público e força. Já o LEC, para além do VGD, “ganhou” outro estádio, angariou torcedores e passou a ser o principal destaque esportivo da mídia local.

Nem todas as questões que intrigam os pesquisadores podem ser inteiramente sanadas ao longo de um trabalho como este. Sobram as sendas abertas, possibilidades interpretativas ficam “pela mesa”, e pistas que poderiam elucidar problemas pelo caminho. Nesse sentido, ainda se tem a intenção de prolongar os debates aqui levantados. Por exemplo, existem fontes orais as quais permeariam a ampliação dos horizontes dessa pesquisa, mas, que só poderão ser contempladas num futuro próximo.

Tratam-se de fontes orais disponíveis no Museu Histórico de Londrina que foram coletadas com antigos praticantes do futebol amador em Londrina, muitos dos quais eram torcedores declarados do LEC ou o tinham como segundo clube. Neste

sentido, cabe notar que este determinado tipo de fonte já revela um outro ponto de vista, dos atletas amadores que mantiveram suas outras atividades paralelamente. Ao mesmo tempo que eram participantes ativos no esporte amador representam a faceta do torcedor londrinense. Somam dezessete entrevistas realizadas durante o ano de 2016.

Nota-se neste conjunto documental a memória de homens, na sua maioria comerciantes ou trabalhadores do comércio, narradas sob o epicentro da noção de sociabilidade que o esporte proporcionou em suas vidas. Para além do fortuito prazer pelo jogo em si, eles construíram laços sociais, relações de solidariedade e afetividade (características comuns as torcidas organizadas), ao unir o amor pelo futebol – como alguns descreveram – com o cotidiano da sociabilidade urbana. Sem grandes ressalvas pode-se apontar como lugar comum nas suas falas um saudosismo aos tempos nos quais eram protagonistas dentro dos gramados, em contraste aos dias atuais, pois, corresponde a senhores com idades de aproximadamente cinquenta a setenta anos.

Enfim, a bola continua rolando, os atletas em campo prontos para o combate, porque o jogo não pode parar [...].

REFERÊNCIAS

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. **Imagens do progresso**: civilização e barbárie em Londrina. 1930-1960. 1991. 216 fls. Dissertação (Mestrado), Departamento de História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis-SP. 1991.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AMARO, Joaquim Francisco Gonçalves de Brito; BONI, Paulo César. A fotografia como “recriadora” de fatos desaparecidos da memória: a construção do Estádio do Café em 1976. In: BONI, Paulo César (Org.). **Retratos da cidade**: o uso da fotografia para a recuperação de fragmentos históricos de Londrina. Londrina: Midiograf, 2014. p. 99-129.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **O paraíso entre luzes e sombras**: representações de natureza em fontes fotográficas. Londrina: Eduel, 2014.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). 2. ed. Londrina: Eduel, 2008.

_____, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. In: **História & Ensino**, Londrina, 1995, v. 1, n. 1, p. 69-82. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12809/11128>. Acesso em: 07 jun. 2019.

AZEVEDO, Clara de Assunção; ALFONSI, Daniela do Amaral. A patrimonialização do futebol: notas sobre o museu do futebol. In: **Revista de História**, São Paulo, 2010, n. 163, p. 275-292. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19179/21242>. Acesso em: 10 maio 2019.

BARROS, José D'assunção de. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BASCHET, Jérôme. A expansão ocidental das imagens. In: _____, Jérôme (Org.). **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006. p. 481-505.

BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, 2001, v. 8, n. 1, p. 151-174. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5372/6902>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONI, Paulo César; KOMARCHESQUI, Bruna Mayara; RODRIGUES, Natália de Fátima. **O papel do Paraná Norte na construção da Santa Casa e o esporte nas ondas do rádio**: duas experiências históricas da imprensa londrinense. Londrina: Planográfica, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de Sergio Goes de Paula.

_____, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: ALEPH, 2002.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). Apresentação. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 7-22.

CAPRARO, André Mendes. **Football, uma prática elitista e civilizadora – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 2002. 159 f. Dissertação (Mestrado), História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da Uff, 2014.

DA MATTA, Roberto et al. (Org.). **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Futebol Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 23-56.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, João Fernando. **A construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FIORATO JUNIOR, Osvaldo; SILVA, André Xavier da. Monitoria para a exposição "Do Quebra Canela ao Tubarão: memórias do futebol londrinense" do Museu Histórico de Londrina. In: ALEGRO, Regina Célia; CANDOTI, Eliane Aparecida (Org.). **Contaçon de Histórias no Norte do Paraná: memória e patrimônio**. Londrina: UEL, 2018. p. 121-128.

FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. **Campeonato Brasileiro de Futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)**. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol Suíço: uma opção de lazer**. Londrina: Graff. Off Cópias, 1999.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 243-278.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. (Dissertação Mestrado em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2003.

_____, Bernardo Borges Buarque de et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

_____, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-Nação?: Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flavio de (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 321-346.

JAMUS, Edimir Benedito. **Origem e estrutura do futebol profissional em Londrina: Londrina Esporte Clube: ataque mais positivo, defesa menos vazada nos anos de 1972 a 1981**. 1983. 60 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1983.

LEANDRO, Cristiano Gonçalves; BACHEGA, Jefferson Willian. **Londrina Esporte Clube: 60 anos em documentário de rádio**. 2015. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Comunicação Social - Jornalismo, UNOPAR, Londrina, 2015.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: O Museu Histórico de Londrina - 1959-2000.** 2013. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de História e Sociedade, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103147/000722042.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 maio 2019.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol.** Tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LIMA SOBRINHO, Jefferson de. **Londrina Esporte Clube: contado... em fatos e fotos.** Londrina: [s. n.], 2005.

LIMA, José Mateus de. **Londrina Esporte Clube: 40 anos: Do caçula gigante ao tubarão.** Londrina: Midiograf, 1996.

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D'amaral. **Futebol e Ditadura Militar: a elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971.** 2017. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury In: **Projeto História.** São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 09 nov. 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo Santana de. **A várzea conta sua História: A história do futebol de Londrina e região por meio da imprensa (1934-1956).** 2019. 84 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

OLIVEIRA, André Marques de. **Estádio do Café: Construído para ser um patrimônio da cidade de Londrina.** 2014. 62 f. Monografia (Especialização) - Curso de Patrimônio e História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

OLIVEIRA, Caroline da Silva. **A "geada negra" de 1975 em Londrina-PR: de evento climático a lugar de memória.** 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

PIRES, Antonio Geraldo Magalhães Gomes. Copa do Mundo no Brasil: Ih, cadê nosso Maraca?! In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. p. 76 - 83. CD-ROM.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo: O Paraná inventado.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

PERES, José Carlos; CUNHA, Odir. **Dossiê - Unificação dos Títulos Brasileiros a partir de 1959**: o documento que resgatou a história do futebol brasileiro. São Paulo: Stil Graf, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

REVISTA DE HISTÓRIA REGIONAL. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, v. 02, n. 17, 2012. Dossiê Futebol, Entre O Nacional e O Regional. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/350/showToc>. Acesso em: 12 ago. 2019.

REVISTA DE HISTÓRIA: Dossiê: História e Futebol. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 163, 2010. Semestral. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/index.php/br/edicoes/119-rh-163>. Acesso em: 18 ago. 2019.

REVISTA EM TESE. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 20, n. 1, 2014. Dossiê Literatura e Futebol. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/issue/view/296/showToc>. Acesso em: 12 ago. 2019.

REVISTA USP: Dossiê: Futebol. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 22, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/2026/showToc>. Acesso em: 18 ago. 2019.

REVISTA USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/5861>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

RIBEIRO, Luiz Carlos; FERREIRA, Daniel Vinicius. Um registro regional do nacional: memórias do jornalismo paranaense. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 9., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p. 1 - 24. Disponível em: https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340407667_ARQUIVO_Memoriaparanaense,Ribeiro-Ferreira.pdf. Acesso em: 09 out. 2019.

_____, Luiz Carlos. Futebol: por uma História Política da paixão nacional. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 57, n. 2, p.15-43, dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570/19763>. Acesso em: 06 out. 2019.

SANTIAGO JUNIOR, José Renato Sátiro. **Os Arquivos dos Campeonatos Brasileiros**. São Pão: Panda Books, 2006.

SILVA. André Xavier da. **Entre Pás e Picaretas**: o quebra canela do futebol menor nas páginas do Paraná Norte e do Folha de Londrina (1934-1953). 127 f. Monografia (Especialização) – Curso de Comunicação Popular e Comunitária, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA, Sidney da. **Identidade no futebol**: o papel do jornalismo esportivo paranaense na formação de uma identidade futebolística regional. 2011. 167 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Positivo, Curitiba, 2011.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua Imensa torcida é bem feliz...**: Da relação do torcedor com o clube. 2001. 142 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos do Lazer, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. História e invenção de tradições no campo do futebol brasileiro. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1999, v. 13, n. 23, p. 119-146. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2087/1226>. Acesso em: 07 jun. 2019.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Bello Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

XAVIER FILHO, Sérgio. **17 grandes polêmicas do futebol brasileiro**: versão para boteco. São Paulo: 2017.

FONTES

ANDERY, Abrahão. Os "coveiros" do futebol. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 1-1. 22 jun. 1956.

A FOLHA e o esporte: "... É realmente a melhor". **Folha de Londrina**. Londrina, p. 6-6. 30 abr. 1982.

BORTOLOTTI, Nelson. **Depoimento oral de João Baptista Bortolotti** [nov. 2016]. Entrevistadores: André Xavier da Silva e Osvaldo Fiorato Junior. Londrina: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, 2016. Arquivo digital.

CAMPOS, Flávio. Equipe: Que cada um cumpra sua parte. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 1-16. 29 ago. 1976.

_____, Flávio. Equipe. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 1-11. 29 out. 1976.

DO PÁS e Picaretas ao Tubarão. **Folha de Londrina**. Londrina, 22 maio 2016. Folha Esporte, p. 9.

FUTEBOL: Pelé reafirma ser mais famoso que Jesus Cristo. **Folha de São Paulo**, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0111200514.htm>. Acesso em: 15 maio 2019.

GAVETTI, Nelson. **Coleção de documentos Nelson Gavetti. Acervo MHL**. Londrina, 2016-a.

_____, Nelson. **Depoimento oral de Nelson Gavetti** [jun. 2016]. Entrevistador: Osvaldo Fiorato Junior e André Xavier da Silva. Londrina: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, 2016-b. Arquivo digital.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina no Nacional. **Folha de Londrina**. Londrina, 29 ago. 1976. Especial, p. 1-120.

LAMASTRA JUNIOR, Rafael. A FOLHA E O ESPORTE: Nacional A.C. era a sensação. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 5-5. 30 abr. 1982.

LONDRINA, Folha de. Vai entrar em ação a "peneira" para escolha dos profissionais: Depois de amanhã o primeiro teste - feita a convocação inicial. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 11-11. 08 abr. 1956.

LONDRINA, Folha de. Agudo Romão também está surpreso. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 24-24. 05 mar. 1976.

LONDRINA, Folha de. Escolhida Londrina para sede da Divisão Profissional do Interior: Credenciado o sr. Walid Kauss, pela F.P.F., a concretizar a importante deliberação - Importância da medida para o desenvolvimento do futebol no interior. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 1-1. 27 jun. 1956.

LONDRINA, Folha de. Uma grande conquista. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 1-10. 20 fev. 1978.

LONDRINA, Folha de. Estádio do Café: honrosamente o nome que sugerimos "pegou". **Folha de Londrina**. Londrina, 22 ago. 1976. Folha 2, p. 3-3.

LONDRINA, Folha de. O Velório da Cafeicultura. **Folha de Londrina**. Londrina, 19 jul. 1975. Folha 2, p. 2-2.

MAZZITELLI, Fábio. **Corinthians é o maior campeão brasileiro, diz historiador palmeirense da USP**. 2017. Coluna do Fraga. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/corinthians-e-o-maior-campeao-brasileiro-diz-historiador-palmeirense-da-usp-02012018>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

PANORAMA. **Londrina: Do Caçula Gigante ao Tubarão**. Panorama. Londrina, 25 ago. 1976. p. 1-64.

PROENÇA, Pedro; VIEIRA, Aline. **O futebol na universidade**. 2013. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,o-futebol-na-universidade,1001456>. Acesso em: 09 ago. 2019.

ROMÃO, Fernando Agudo. **Depoimento oral de Fernando Agudo Romão** [abril. 2018]. Entrevistadores: Osvaldo Fiorato Junior e Rodrigo Santana de Oliveira. Londrina: Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, 2018. Arquivo digital.

SE V. torce por um time do Rio, ou de São Paulo, ou do Rio Grande, decida-se. **Folha de Londrina**. Londrina, 29 ago. 1976. Londrina no Nacional, p. 111-111.

SCHWARTZ, Widson. **De Pimpão a Vitorino, o estádio para sempre**: Influência paulista e repercussão do Pacaembu motivaram pioneiros a construir o estádio, em 1945. 2016. Disponível em: <http://www.folhadelondrina.com.br/?id_folha=2-1--1968-20160224--->. Acesso em: 09 out. 2019.

STEIN, Leandro. **[Ditadura] Da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de Integração Nacional**. 2014. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

Acervo do Museu Histórico Londrina Padre Carlos Weiss.

Acervo do Memorial do Londrina Esporte Clube.